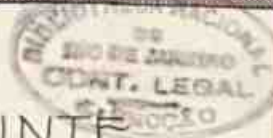
ANNO XXXII
Num. 1.578
Rio de Janeiro, 18 de
— Março de 1933. —
Preço para todo o
Brasil: — 1$000.

São candidatos á Constituinte um irmão do Sr. Aranha, um filho do Sr. Mello Franco, um mano do Sr. Washington Pires, um filho do Sr. Simões Lopes, um irmão do Sr. Flores da Cunha e um filho ou dois do presidente do P. P. de Minas.

GETULIO — O ESPECTACULO CONTINÚA...

CASAMENTOS

Nathalia Rodrigues-João Machado

Felisbella Iracema Lages-Isaac Augusto Affonso

Adelina Ferreira - Alfredo Rey

QUAL O SEU FUTURO?

Quer a leitora adivinhar o futuro com a maior facilidade? Eis a indicação que nos dá, para isso, um jornal italiano, que considera infallivel o processo. Bastará fechar os olhos.

Immediatamente, sob as palpebras cerradas, surgirão vultos, physionomias, logares, paizagens, edificios conhecidos, que anteciparão os acontecimentos futuros.

Com um pouco de treino, os resultados serão maravilhosos. Todavia, não prolongue a experiencia: só as primeiras imagens serão exactas, porque as que lhes seguirem já participarão do esforço da nossa imaginação.

Alice Cunha-Dr. Tito Conrado

PARA LIMPAR AS JOIAS

Quer limpar suas joias ornadas de diamantes? — Dissolver num copo d'agua morna uma colher de sopa de sabão negro; quando este estiver fundido, ajunte uma colher de café de ammoniaco; deixe a joia dentro da mistura durante meia hora; retire-a depois e lave-a com agua morna; feito isso, seque-a, mexendo-a algum tempo em serragem fina de madeira. Não escove, nem enxugue os diamantes.

O distincto casal Antonio Esperança que festejou na maior alegria, a 7 do corrente, as suas bodas de perolas.

O MALHO

Propriedade da S. A. O Malho

Director: — ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

ANNO XXXII NUM. 1.578

NUMERO AVULSO

No Rio.................... 1$000
Nos Estados................ 1$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. *Toda a correspondencia*, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor, 34. — Rio. Telephones: — Gerencia: 3-4422. Redacção: 2-8073. Caixa Postal, 880.

Caixa d'O MALHO

Por intermedio desta secção, O MALHO responderá a toda correspondencia literaria de seus collaboradores. Para isso, porém, devem os nossos amigos enviar sempre, acompanhando os originaes, de um lado só do papel e assignados com o nome e endereço, uma carta escripta pelo autor, que poderá vir sob pseudonymo, usado depois pelo nosso redactor na resposta desta secção.

UM GYMNASIANO (Catanduva, S. Paulo) — "A Entrevista" será publicada com o titulo "O conquistador".

FRANCISCO QUEIROZ (C. Fuz. Navaes) — Será publicada brevemente sua composição em prosa "Olha a Bandeira"!

DAMIÃO DA ROCHA (Enc. "Minas Geraes") — Os versos que me enviou estão bons e serão publicados. Por que? unicamente pela simplicidade.

NELSON PINTO (Recife) — Como todos os seus contos, "Fim" merece todo o destaque. Grato pela dedicatoria. Procure enviar-me contos com mais enredo e menos fantasia.

BANDEIRANTE JUNIOR (S. Paulo) — Seu canto a S. Paulo será publicado logo.

ELIAS BARRETO (Piracicaba) — Você para continuar a escrever sonetos, precisa primeiramente estudar a grammatica. Entre para a escola local e volte depois com a poesia.

DOMINGOS MARCELINO (Sorocaba, S. Paulo) — Não gostei dos dois sonetos que me enviou. Mesmo porque não estão perfeitos...

AUGUSTO RUBIÃO (Varginha, Minas) — Você é o typo mais completo do poeta do interior, embora queira negal-o com essa carta que, transcripta sem tirar nem pôr virgula, é o seu attestado de obito na leteratura.

"Amigo e Senhor Redactor do "O Malho" — Saudações cordiaes. Escrevo-lhe hoje por dois motivos: 1° para dar-lhe os meus sinceros parabens pela constante prosperidade de sua bella revista; 2° mandar-lhe uma poesia para ser publicada mais breve possivel.

Emboor o Sr. não me conheça; mas, eu já conheço bastante a sua preciosa revista, onde já tenho andado com pseudonimos. E' de extranha "barbaridade" de eu ser o 1° poeta do Sul de Minas (no dizer de meus conterraneos) não ser ainda conhecido nominalmente na imprensa do Rio.

Pois é por isto que hoje mando a minha 1ª colloboração, embora "fraca", o que peço o Amigo desculpas, porque é para começar .. Aqui no interior quasi não publico poesias, onde só temos jornalecos vagabundos, o que não vale a pena perder tempo. Só mesmo nesses grandes centros onde se encontra pessoas que leiam poesias, e comprehendem-nas. Escrever para ignorantes é peior que amansar burros bravos. A minha bagagem literaria é enorme — pois já tenho promptos diversos livros de versos: — "Ramo Florido", "Folha de Malva", "Opalas e Rubis", "Vortilhões de Chammas" (satiras) e "Caveira" com pseudonimo. Por emquanto impresso só tenho "Manhãs de Rosas" em edição provisoria, a qual lhe mando hoje, já publicada ha tempo, numa idade inesperiente dos 20 annos; mas, já tenho o livro prompto novamente, correcto e organizado para edição difinitiva. Fui traido no prefacio, que não vi antes de ser impresso, pelo "famoso" e famigerado poetastro do Sul de Minas o de tal Plinio Motta, que é tão malquisto aqui como a gripe hespanhola ahi no Rio. Sem mais, muitissimo agradecido por sua attenção, subscrevo-me como sincero amigo e creado. — Augusto Rubião".

Quem escreve cartas assim erradas e pretenciosas, não póde, em absoluto, escrever versos muito menos bublicar livros. Ouviu? Sinto muito esta franqueza.

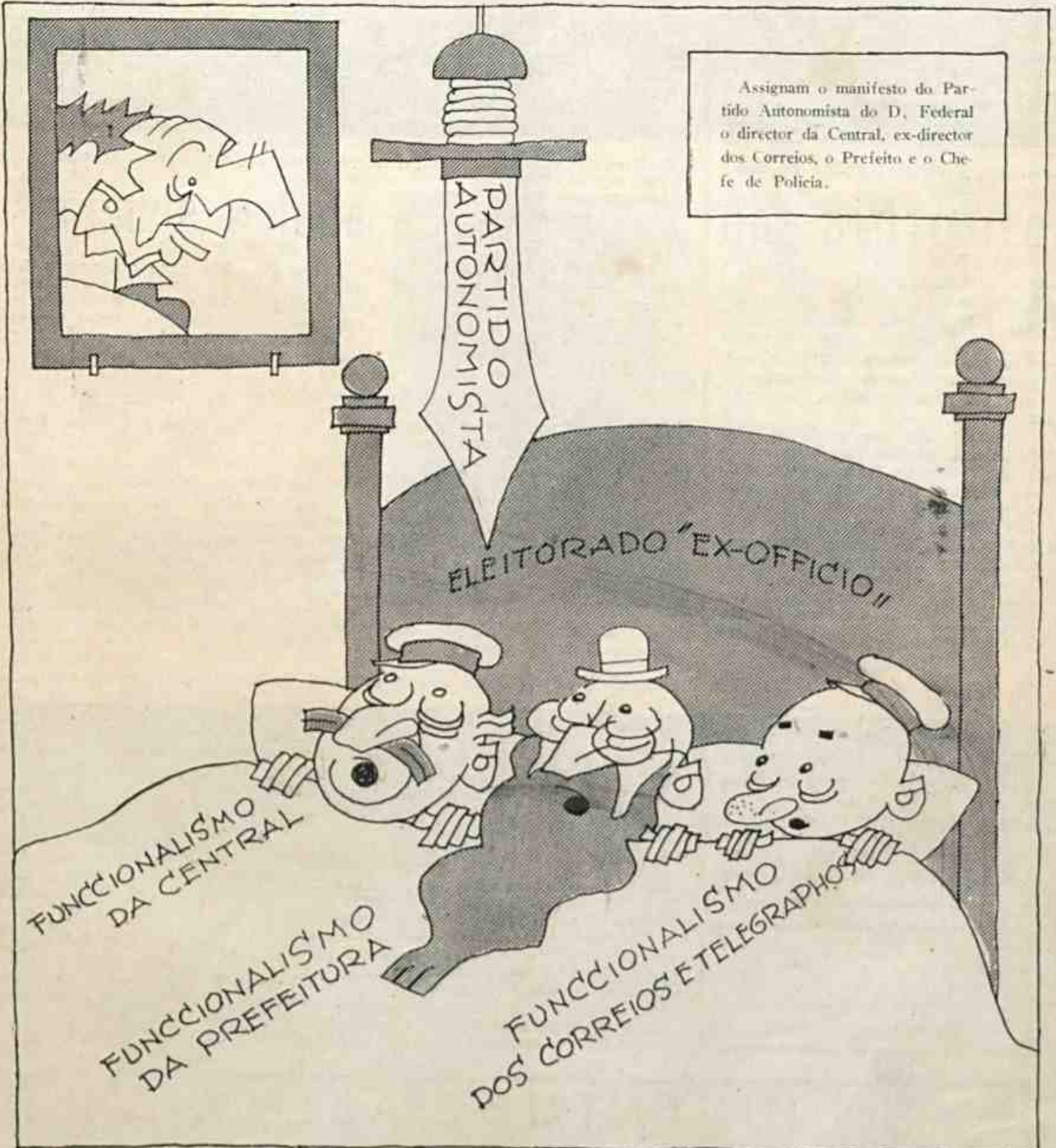
A. B. L. (Nictheroy) — A correspondencia nesta secção é grande e os meus affazeres muitos. Assim, não posso dizer-lhe ao certo se recebi ou não a carta anterior. Mas da poesia "O canario morto" que me enviou agora, não gostei. Talvez goste de outras. Tente.

DR. CABUHY PITANGA NETO

O MALHO

ANNO XXXII — Director: **Antonio A. de Souza e Silva** — NUM. 1.578

A ESPADA DE DAMOCLES

Assignam o manifesto do Partido Autonomista do D. Federal o director da Central, ex-director dos Correios, o Prefeito e o Chefe de Policia.

O graxeiro — O voto não é secreto?!

O estafeta — E', mas eu acredito um pouco na transmissão do pensamento!...

O districto financeiro de São Francisco da California que aqui se vê, foi o que mais soffreu com a catastrophe.

California sob abalos sismicos

A CATASTROPHE que ha dias abalou os Estados Unidos, em um dos seus maiores reductos de trabalho e progresso, ecôou dolorosamente no mundo todo — e especialmente no Brasil, onde reconhecemos no paiz irmão o irmão verdadeiro de glorias e pezares.

O terremoto que tão profundamente abalou em seus alicerces São Francisco da California, matando e ferindo milhares de pessoas, só tem semelhança com aquelle outro que destruiu Miami ha alguns annos nos proprios Estados Unidos.

Cidade fincada de arranha-céos, onde se trabalha muito mais que se brinca, California, nas costas do Pacifico, é um dos maiores emporios mundiaes de que ha sciencia. California é mesmo, lá onde se acha, a Nova York que está do outro lado.

Edwin Morgan, embaixador dos Estados Unidos em nosso paiz.

A tragedia da semana que passou foi qualquer coisa de rapido e inenarravel. Scismographo algum, no mundo, previu tal catastrophe. E a terra tremeu, tremeu — e os homens sentindo-se entontecer o sentindo aquelles colossos de cimento-armado se abalançarem em seus alicerces de granito, julgaram-se enlouquecidos de espanto.

A luz faltou, os poços de petroleo se incendiaram, a derrocada do menos fragil continuou — mesmo findo o terremoto — e os soccorros se aprestaram de todo o paiz, com as forças de terra, mar e espaço.

As nossas photographias dizem bem, aliás, o que é a grandiosidade de São Francisco da California.

E por ahi se póde avaliar a tragedia que se desenrolou nos poucos instantes em que a Natureza revoltou-se contra a obra do Homem.

Um aspecto panoramico de São Francisco da California, abalado com o terremoto do dia 10 deste mez.

SOUBE daquella estranha historia muito tempo depois do penultimo carnaval. Dois personagens apenas, e o bastante para qualquer shakespeare fabricar uma tragedia, si bem que o assumpto seja melhoramento digno de um shaw qualquer.

Eu o aproveitei em tempo, antes que os shaws sequiosos de ouro delle lançassem mão. Pelo menos, sou mais carinhoso para com a "grande arte" — refiro-me á arte de escrever — porque até ao momento, **malgré-tout**, sou apenas sequioso de... glorias. E a gloria sempre é mais valiosa do que o ouro.

(Si ambas não fossem aventureiras do amor, mas unidas em matrimonio legitimo, que felicidade para o escriptor!)

Bem. Com esta conversa fiada vamos pondo calafrios na curiosidade do leitor. Qualquer dia farei um conto em homenagem ao leitor, dando-lhe um cargo importante — fazendo delle o personagem principal, em summa. Que sensação para os dois, para mim e para elle...

Nunca pensei que o carnaval fornecesse themas para cousas tragicas. Ou por outra: nunca imaginei que "ainda" se pudesse arrancar a Momo, esse palhaço estupido e banal, algo de interessante para se contar á margem dos... "classicos 30 dias" de folia destemperada.

Só mesmo os individuos refractarios á febre de divertir-se physicamente é que lograriam encontrar algo de dramatico dentro do inferno pluricolôr da farra estylizada. Como eu, por exemplo.

Mesmo assim, se ás vezes "vemos" dramas terriveis a se desenrolarem por debaixo das mascaras e sob a confusão alegre, não temos a capacidade arguta de os "enxergar". Como succedeu no penultimo carnaval quando assisti ao epilogo de uma violenta tragedia sem dar por isso. E só inteirando-me della alguns mezes após. Recompondo-a aos pedaços, aos retalhos, a meias-confissões indistinctas e vagas, da peripheria para o centro, isto é, do fim para o principio. Não m'a contara. Contou-m'a sem o perceber, o proprio personagem, referindo-se tão sómente a um epilogo incompleto, quasi absurdo e apparentemente inexplicavel.

Esse homem fugiu dos livros de Freud, indiscutivelmente. E nem o proprio Dostojewsky o prenderia em sua genial e sinistra galeria. Ficará á parte, para ser aproveitado pelos Freuds vindouros, quando alguem inventar a "mechanopsychia". (Póde ser, se quizerem, "téchnopsychia". E' indifferente.)

O homem a quem chamo de **inédito**, não é, absolutamente, um monstro, um tarado, um paciente aos cuidados de Lombroso. Bom homem, até. Optima alma. Quasi uma creança de calças compridas.

E' bastante dizer-se que o seu pendor para a bondade e para o heroismo uniu sua vida á vida de uma mulher. Se algum traço de anormalidade ingénita se reflecte, claramente, no seu matrimonio com um **specimen** do sexo "fraco". Haverá prova maior de espirito de sacrificio e de desprezo integral pela felicidade humana?

Não possuiam descendentes, circumstancia pela qual não podia elle repartir o seu coração com objecto algum que não fosse com a esposa. Amava-a serenamente mas com ardôr. Com calma impertubavel, mas lealmente.

Mulher como podem ser mulheres, ella começou a constituir, intimamente, a idéa que quasi sempre costuma epilogar a mansidão de um lar feliz e simples, arruinando-o fragorosamente. Essa idéa era maligna e covarde: o seu amor por aquelle homem terrivelmente sereno e impassivel foi, a pouco e pouco, se apagando como a brasa de um cigarro esquecido.

E principiou a trahil-o.

Inicialmente, com o objectivo de vingar-se daquella alma que parecia de bronze, quebrado apenas por aquelle sorriso indefinivel, incomprehensivel, que a torturava. Ella queria ser amada com ruido, com violencia amorosa, com cortejos de ciumes, de paixões exquisitas, com escandalo mesmo. Desesperava-a aquella rigidez, aquelle affecto real mas estupido de um homem que "desertára" da vida, que dera as costas á sociedade para olhar apenas para ella, como se ella fosse não mulher mas uma joia de luxo egual a qualquer objecto decorativo destinado a enfeitar o lar.

Depois, trahia-o pela intima sensação das aventuras, pelo prazer perverso de sentir-se senhora de outros corações, de outras almas differentes da do esposo, pelo qual começava a experimentar um odio surdo e incoercivel.

Entretanto, elle a recebia invariavelmente com aquelle olhar candido e impassivel, como se estivesse a perdoar-lhe todos os dias aquellas "innocentes travessuras".

Elle **saberia?** Ignorava? Era-lhe impossivel decifrar. Sua physionomia era a mesma de sempre, como u'a mascara de aço. Intelligente e perspicaz, porém, a ella não era difficil apresentar, quantas vezes o queria, a mais conveniente das attitudes, o mais convincente dos papeis.

* * *

APPROXIMA-SE o carnaval. Refractario á exteriorização de sentimentos, o marido impassivel deixava-se ficar em casa na bibliotheca, lendo calmamente os seus autores predilectos: Cervantes, Coelho Netto e Guilherme de Almeida. Não o impressionava o tumultuar desesperado das ruas onde, no seu modo de pensar, o povo se tornava alegre á custa de suor e alcool.

No primeiro dia a irrequieta conjuge chegou a casa depois das 5 horas. Vinha esfalfada, mas em seus olhos sensuaes se percebia um brilho feliz e singular. Elle não se incommodou com aquelle desvio irregular da companheira, mulher bastante para desprezar um ban-

quete espiritual como aquelle servido durante os tres dias classicos.

Ao jantar elle disse apenas, emquanto botava assucar na chicara de café:

— Você divertiu-se bastante...

Ella presentiu o proemio de uma recriminação, mas dissimulou com habilidade:

— Ora, meu querido, você não quer me acompanhar! Se não fossem minhas amigas, morreria de tédio!

O marido esboçou um sorriso vago e immediatamente mudou de assumpto.

Veiu a segunda noite.

Pelas dez horas ella já estava prompta para partir. Ostentava uma formosa fantasia de pastora e cobria os olhos com uma elegante mascara preta.

Ao sahir lembrou-se do esposo.

Entreabriu a porta e disse-lhe uma phrase a que elle nem sequer respondeu. E sahiu, victoriosa.

Era a sua aventura culminante. Se o esposo fizesse menção de a acompanhar, saberia fugir-lhe com habilidade, pois tivera o talento de chamar o automovel antes da fingida despedida. O seu pensamento estava fixado naquelle rosto juvenil, a que nem mesmo o velludo negro da mascara lhe atalhava o encanto. Quando o encontrou, no domingo, elle trajava um uniforme de official de "hussards". Depois daquella taça de champânha e daquelle tango delicioso, não sabe como o beijára apaixonadamente, longamente na sombra azul de uma folhagem. Depois uma fuga diabolica pela praia, onde as luzes punham reticencias tremulas. E uma ceia ligeira num hotel elegante, onde os vinhos caros lhe turbilhonavam o cerebro e lhe roubavam o raciocinio. Não se recordava de nada mais...

No segundo encontro, o dessa noite, elle devia estar no mesmo club, vestido á Henrique IV.

Pouco teve de esperar.

Minutos após ter pedido champânha, o esperado "rei de França" (e soberano de seu coração) lhe beijava as mãos em alto estylo, conduzindo-a para o **dancing**.

Foi para ella uma noite inesquecivel essa...

* * *

DOCEMENTE apoiada em seus braços robustos, com uma onda de sangue a ruborizar-lhe as faces formosas, a esposa infiel, surda ao alarido daquelle ultimo baile de carnaval, desfiava estas phrases cheias de veneno:

— Sabes, meu querido Bonaparte, que eu me sentiria immensamente feliz vivendo comtigo?

Por traz da mascara negra os olhos de **Napoléon** brilharam singularmente. Um sorriso triumphante lhe dansarolou nos labios finos e foi com um interessante sotaque côrso que elle respondeu:

— Mas, minha querida **Carlota Corday**, você não se arreceia de seu esposo? Com franqueza, para a minha vida, a sua companhia equivale a um formoso presente, a um premio com o qual me julgaria o mais feliz dos amantes. Mas em tal situação seria fatal um passo compromettedor...

Ella dansava insensivelmente, attenta ás palavras delle. E a resposta a reanimou, porque nas entrelinhas havia a possibilidade de uma acquiescencia. Enlaçando-o fortemente, ella insistiu, embriagada pela paixão:

— Não pense nisso, meu amor. "Elle" é uma mumia. Trata-me como a uma creança de collegio e não me dispensa o mais banal dos carinhos. E' um idiota, um indifferente. Nós poderemos viver perfeitamente, como dois anjos que se amam...

Ella estava embriagada de paixão e de champânha. Como se já houvesse triumphado, arrastou **Napoléon** para o **hall** e beijou-o repetidas vezes na bocca. Cahiram ambos numa poltrona quando uma risada forte explodiu na bocca de **Bonaparte**...

Ella olhou-o estupefacta. O sangue subiu-lhe ás faces, incendiando-as. O amante mysterioso arrancára a mascara do rosto e olhava-a bem nos olhos, rindo-se gostosamente. Não era outro senão o proprio marido, **elle** apenas, em carne e ossos!

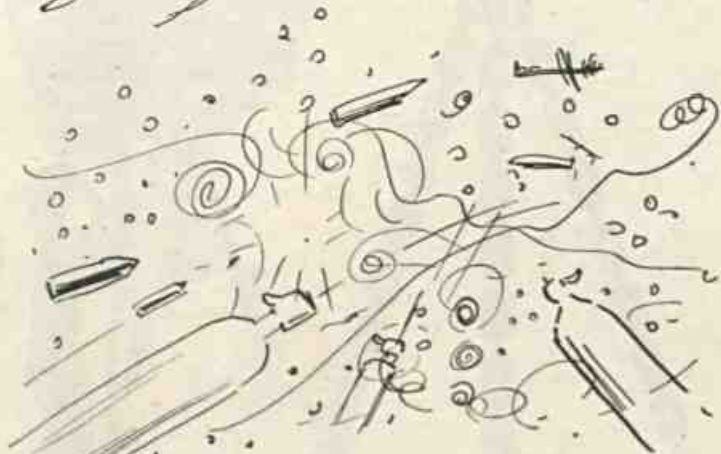
E a esposa traidora sahiu dali numa fuga rapida e vergonhosa.

E quando aquelle **Napoléon** atravessou o salão gargalhando como um demente, ninguem pensou que aquelle "homem divertido" acabára de escrever uma tragedia em sua vida...

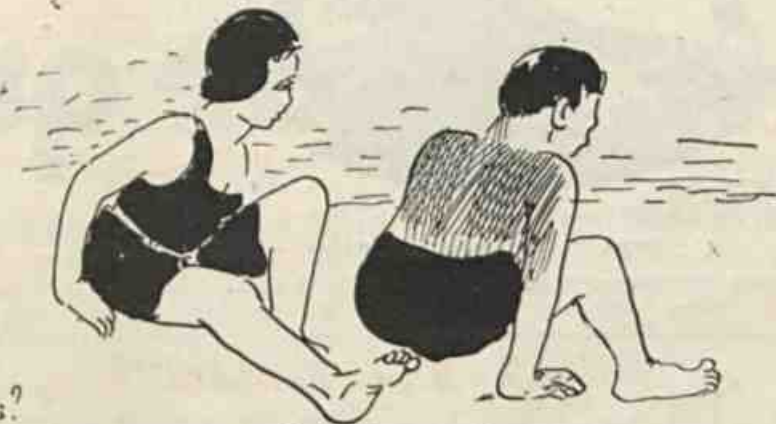
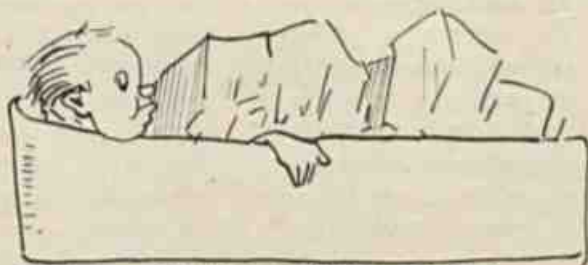
Ella não voltou a casa naquella noite. Naquella noite e nunca mais.

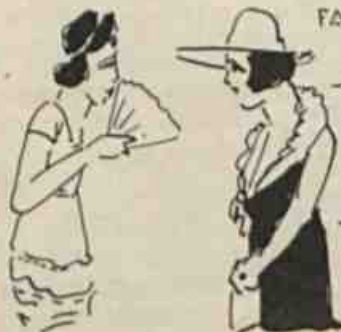
O Turismo e o Carnaval

Como um grupo de turistas inglezes desembarcou em Londres, de volta do Brasil, depois de ter assistido ao Carnaval Carioca.

-OLHA QUE ESSA MALANDRAGEM SO' E PERMITTIDA NO CARNAVAL
-MAS, O CARNAVAL AQUI ACABA QUANDO COMEÇA O OUTRO

CONTINUA O CARNAVAL
RENHIDA BATALHA DE CONFETTI NA CHINA

LIÇÕES DE COISAS

-PAPAE, O QUE E A LIGA DAS NAÇÕES?
-MEU FILHO, A LIGA DAS NAÇÕES E' UMA COISA QUE NÃO VAE LA' DAS PERNAS.

-TUAS COSTAS ESTÃO ROXAS, NÃO DEVES TOMAR ESTES BANHOS DE SOL.
-ESTE FOI BANHO DE VASSOURA LA' EM CASA

-SERA POSSIVEL QUE FAÇA TANTO CALOR? O GELO ESTA SUANDO!

FALTA DE MEMORIA

-NÃO CONSIGO ME LEMBRAR COMO SE CHAMA O MEU ULTIMO MARIDO, DO QUAL VOU ME DIVORCIAR.
-ISSO NÃO E' NADA. EU, POR DISTRACÇÃO CASEI COM O PRIMEIRO DO QUAL ME HAVIA DIVORCIADO

PARTIDO ECONOMISTA DO BRASIL

PRO PATRIA

Só pesa a opinião de quem vota!

A CAMPANHA ELEITORAL PARA A CONSTITUINTE — Suggestivo cartaz do Partido Economista que está sendo profusamente distribuido nesta capital.

Uma geração mais sadia

Durante estes ultimos 25 annos tem o Estado prestado attenção especial á saude das creanças nas escolas da Grã-Bretanha. Durante esse periodo a saude infantil foi objecto de um cuidado e observação rigorosos da parte das autoridades medicas.

"Sir" George Newman, que, durante todo esse tempo, desempenhou o cargo de medico Inspector geral da hygiene publica, declara, na sua exposição referente a 1931, que o progresso feito tem sido muito animador. Em uma série de estatisticas, mostra-nos como a saude infantil tem melhorado.

Por exemplo, a mortalidade entre os rapazes e raparigas de menos de 15 annos de idade, atacados por doenças infecciosas, como o sarampo e a febre escarlatina, "tem constantemente diminuido durante esta ultima geração".

Apenas ha nove annos que as varias formas da tuberculose eram duas vezes mais fataes do que o são hoje, e a proporção normal de mortes infantis de entre 5 a 10 annos de idade baixou de 3,6 até 2,3 por mil, e de entre 10 a 15 annos de 2,1 até 1,5, entre os annos de 1906 e 1930.

— Sim, Sr.!... Bonita maneira de trabalhar!
— Estou vendo se apago um borrão com meu salto de borracha.

E' indole preventiva, mais que curativa, o verdadeiro intuito do governo. Os serviços medicos das escolas não foram ideados para fornecer aos alumnos doentes as vantagens de um hospital ou de pharmacia gratuita, mas como meio de conservar e salvaguardar a saude das creanças. Isto visa encarar o problema de um ponto de vista mais largo.

Os primeiros annos, ou, mesmo, mezes, da vida de uma creança, são de immensa importancia, e podem affectar toda a sua saude futura. E' especialmente nestes casos que a "sciencia hygienica" se está tornando cada vez mais conhecida na Grã-Bretanha.

O tratado de amizade entre o Brasil e o Afghanistão

ZE — Tahi *uma amizade que não traz o menor proveito. Esse* turco *não nos compra nem uma chicara de café...*

A primeira manifestação do Anno Santo

Coube a Paris a gloria de ver realizar-se a primeira, dentre as innumeras, manifestação desse anno consagrado pelo Summo Pontifice a Nosso Senhor. Foi uma "oitava solemne de preces pela unidade do mundo christão", celebrada na Basilica de Montmartre, de quarta-feira, 18 de Janeiro, á quarta-feira 25 do mesmo mez.

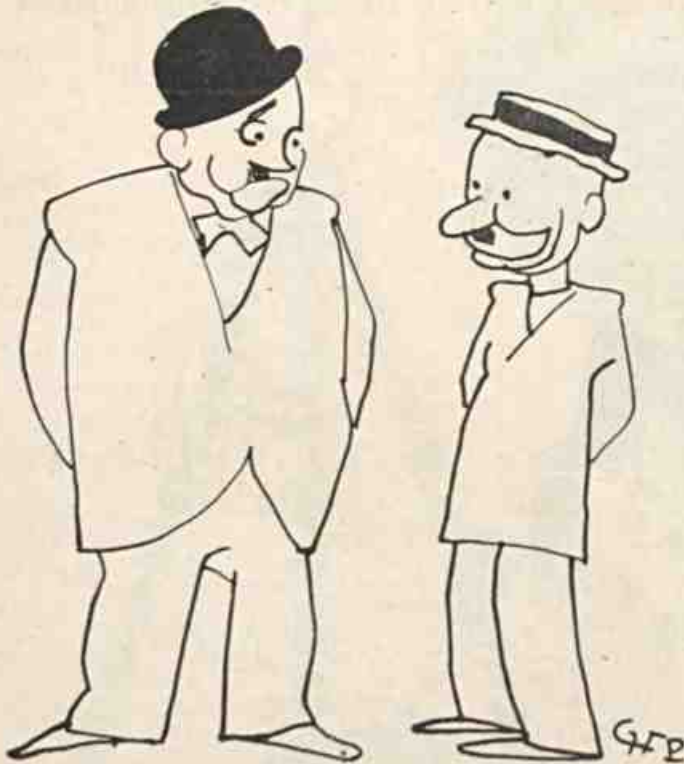
Foram ditas missas, ás 9 horas, e celebradas "Vesperas", ás 15 horas, sendo os diversos ritos da Egreja catholica representados por oito prelados. A missa de 18 de Janeiro foi resada para a volta de todos os christãos desaggregados, e as "Vesperas" pontificaes, celebradas por S. Eminencia Mons. Le Hunsec, bispo de Europus, foram cantadas pela Schola do Seminario do Espirito Santo.

Outras missas foram ditas para o regresso dos christãos do Oriente á unidade; para a conversão dos christãos da Inglaterra e dos lutheranos e protestantes do mundo inteiro; para a conversão de Israel; para a volta dos maus catholicos á pratica dos Sacramentos, etc. As "Vesperas" pontificaes, segundo o rito armenio, foram celebradas por S. Eminencia Mons. Bahoban, bispo de Angora (Turqua), e as "Vesperas", conforme ao rito maronita, por S. Eminencia Mons. Feghoil, vigario patriarchal da egreja Nossa Senhora do Libano (Syria).

O encerramento dessas solemnidades teve logar em 25 de Janeiro. O cardeal Verdier, arcebispo de Paris, celebrou as "Vesperas" pontificaes, que cantaram os alumnos dos Seminarios de São Sulpicio de Issy, e o conego Quenet, vigario geral de Paris junto ás missões estrangeiras, encarregou-se das predicas da oitava.

Póde-se dizer que do Universo inteiro partiram os mais altos dignitarios da Egreja Catholica, a resar no Sacré Cœur de Paris em prol da unidade dos filhos de Deus.

PRIMEIRAS LETRAS

OLEGARIO — Eu ando desapontado com você, seu Mello Franco!... Pois um ministro de Estado, com fama de preparado e a todo o momento, como dizem os jornaes, ás voltas com o A B C!...

— *Estou apavorado com a demora da Light em me mandar a conta do gaz.*
— *Por que?*
— *Naturalmente virá uma conta "asphyxiante"...*

"Não ha de ser nada..."

ORIGENES LESSA é professor, *conteur* e jornalista. E foi como jornalista, talvez, muito mais que como patriota, que elle seguiu em Julho ultimo para o *front* na luta homerica que São Paulo travou com o Governo Federal em pról de um Brasil digno de suas tradições — dentro da lei e da ordem.

Incorporando-se ao Batalhão dos Voluntarios de Piratininga, Origenes Lessa, como bom reporter, nada deixou escapar do que então viu, nos momentos tragicos ou humoristicos que passou. E das notas que o seu lapis foi apanhando, impressões daqui, dacolá, elle agora nos apresenta um livro — *"Não ha de ser nada...* — livro que se lê de um folego, de uma arrancada. Não que seja pequeno ou pouco volumoso. E' que se iniciando a sua leitura naquelle enthusiasmo de sabbado, 16, partida do Batalhão, por força só se o largará quando o guarda da penitenciaria, aqui no Rio, diz, compenetrado como um philosopho, ante a bôa vontade dos prisioneiros:

— Esse pessoal de São Paulo nem cadeia respeita.

Para que se veja, fielmente, o que é este livro de Origenes Lessa, que ha alguns annos, na revista "Primeira" venceu um premio literario, vamos transcrever alguns trechos de "não ha de ser nada..." phrase bastante usada nos momentos mais *serios* da campanha bandeirante.

◇

"Era essa a crescente impressão de todos nós. Inimigo, nenhum. Debalde buscavamos. As sentinellas punham o olhar e o ouvido ansiosos no horizonte inoffensivo. As patrulhas nocturnas, seis horas seguidas, auscultavam atôa a escuridão e o silencio imperturbavel das estradas e das cristas dos morros. Nada. Ainda assim, algumas imaginações trabalhavam. A censura chegou a reter uma carta em que um dos rapazes contava para a familia as ultimas façanhas. Combate, canhoneio, fusilaria, mortos e feridos. As forças inimigas eram dizimadas pelas nossas balas. Entre os nossos, felizmente, como nos communicados officiaes, nenhuma baixa. Um ou outro ferimento ligeiro. Mas ao nosso lado, pipocando, tirando lasca, levantando poeira, a morte que passava...

Algum sonho talvez. A realidade acabrunhava. Toda a vigilancia era inutil. Uma noite, de meia noite ás seis, sahimos tres companhias para uma patrulha. Somno e frio, mais nada. Para dar uma illusão de perigo, falavamos baixo, para não sermos notados. Não se fumava. No alto dos morros, na trincheira, outros companheiros tremiam... de frio.

Em vão procuravamos animar as sombras e ruidos da noite. Ou arvore, ou folha que cahia, ou coruja, ou curiango, ou as aguas ironicas de um regato, lá em baixo, uma eterna casquinada. Gente, só nós. Já ao amanhecer, um mais feliz divisa um vulto.

— Lá vem um !

Destravam-se os fuzis.

— Eu vou ver quem é!

— Vou eu!

— Não, senhor, eu sou cabo!

Tirou-se par-ou-impar. O Ochialini ganhou.

— Quem vem lá ?

— Sou eu, respondeu uma voz calma, parando.

— Onde vae?

— Eu trabalho na Prefeitura, sim senhor.

Era de exasperar.

— Mas por aqui não se póde passar, continuou a voz irritada do guarda.

E o outro, incredulo e pacato:

— Não diga... Eu todo dia passo aqui...

Deixou-se passar.

— Qual! Esta não era a Revolução dos meus sonhos!"

◇

"Os boatos iam, os boatos vinham. Os boatos e os dias. Inimigo mesmo, nenhum. Vendo um companheiro armado de gillete, alguem o deteve.

— Que é que você vae fazer,

— Uê! Barba!

— Não faça. A' falta de cicatriz, pelo menos a barba a gente tem que levar..."

◇

"Os voluntarios defendem-se. Armado de um F. M. numa posição mais avançada, o Mineiro, que adherira ao grupo desde Campos, tendo vindo como ordenança de um dos antigos commandantes, sustenta o fogo com uma serenidade de matador imperturbavel. De vez em quando, ouve-se a sua voz aflautada:

— Quem matou um, mata dois e depois morre...

E dava uma rajada.

— Quem mata dois, mata tres e depois morre.

E novos disparos.

Era o seu estribilho de guerra.

— Quem mata cinco mata seis e depois morre...

Dos inimigos, muito proximos, bem visiveis, chegavam insultos. Era o classico "paulista — isto", "paulista — aquillo", que tantos de nós ouvimos durante a campanha. Um bom humor macabro dominava a tropa.

— Fogo, macacada!"

◇

"Os senhores precisam retomar essa posição.

Convocados os rapazes, todos se dispõem immediatamente a voltar. O 8º pelotão chegado um dia antes, occupado apenas em

Na escola de dansa

— *Ensina o senhor todas as dansas?*
— *Todas.*
— *Então, quero aprender a dansa de São Guido...*

patrulhas calmas na estrada de Areias, pede tambem para si a honra de seguir. Lá estão velhos camaradas, o Almeida Netto, que não quer ser medico, mas apenas soldado, o Payares, o Joel Penteado Leite, com a experiencia já de tres ou quatro revoluções (Eh! Brasil!), o José Camargo, outros mais.

Mas o proprio commando prefere enviar elementos mais descansados, acceitando o offerecimento de um grupo de sapadores. Ribeiro de Barros é designado para reunil-os ao tenente Lauro Sodré, commandante da posição. Repete-lhe o que ouvira e o que se passara no Q. G. onde se pensava em mandar um grupo de voluntarios para reoccupar as posições.

— Absolutamente! responde elle. Nós estamos aqui! Eu não consinto que civis precisem fazer o que nos compete. Póde dizer que, assim que consolidarmos esta trincheira, ainda esta noite, nós retomaremos a posição perdida.

Nessa noite uma bala o matou!"

◇

— "Já se marcou a retirada?

A pergunta fôra feita em tom de troça, mas era séria. Queluz ia ser abandonada. Não havia duvidas. Sabia-se que a crista mais alta que occupavamos, onde ficara uma metralhadora pesada da F. P. já estava em poder de pernambucanos ou bahianos, uma tropa qualquer de patriotas do Norte.

A avançada era em toda a linha, apesar da resistencia desesperada que se oppunha.

— Entregaram ao coronel Theophilo um "abacaxi", philosopha um velho soldado com quem falamos. Estava tudo minado. Traições sobre traições... Fazendeiros da redondeza, autoridades locaes, todo o mundo estava de pacto feito com os governistas.

— E não se fusilou essa gente?

— Qual! Bala não chegava... tem canalha por ahi, que o senhor não faz idéa! Bastava occupar uma posição, chovia bala em cima. E' que alguem denunciava... O commando tinha-se esquecido da gente. Nós não temos nem artilharia nem aviação. Está tudo noutros sectores. Mas esse pessoal tá vendo que paulista não é café pequeno, não. Elles já deviam estar aqui ha uma semana, se a turma não fosse bôa...

E olhando para os capacetes de aço que o rodeavam, paternal:

— Vocês são da pá virada, civil, meninos? Dizem que ahi tem até doutor, não? Eh! São Paulo velho de guerra!"

◇

"Ao passo que desciam tropas dos morros, e que crescia a espectativa angustiosa, chega uma rajada de alegria. Um trem desemboca na estação, com os trezentos rapazes restantes do "Piratininga" sob o commando do capitão Potyguara. O enthusiasmo é grande. Abraços, Vivas.

— Como vae a coisa?

— Que tal o fogo?

Chovem perguntas e exclamações.

— Como é? Vocês têm sido bem tratados?

— Qual o quê, homem! até dão tiro na gente!"

— "Arrumem os seus equipamentos. Tenham tudo prompto.

Está parte do batalhão concentrada na igreja. Os boatos cada vez mais desencontrados, correm como fogo em rastilho de polvora.

— Não demora muito, elles estão por ahi!

Elles, quem? Policia da Bahia, de Sergipe, do diabo, disparando dum-dum, cortando orelhas, decepando cabeças, castrando gente...

— Não escapa ninguem!

Um gaiato espalha o "peixe" de que vem ahi um pretão, sargento bahiano, a quem são offerecidos os prisioneiros de melhor apparencia. Um rapaz barbudo, a roupa rasgada, o rosto coberto de pó, dá uma risada.

— Então eu deserto já!"

◇

E para finalizar, estes versinhos que Origenes Lessa diz, foram cantados ao violão por Ivan Martins, com a musica de "Eu tava na roda do samba, quando a policia chegou...".

Côro:

"Eu tava na roda do fogo
Quando o inimigo chegou
Vamo aguentá co'esse fogo
Que o nosso commando mandou."

Ivan:

"Vamo aguentando, negrada,
Que o fogo é de arrelia
Quem não aguentá co'esse fogo
Que appelle p'ra correria...

Soldado tá na trincheira
Sem beber agua nem pinga,
Gente damnada e valente,
Povo do Piratininga...

Nosso fuzil tava quente
Só do fogo da trincheira,
Bala nossa vae p'ra frente
Que é industria brasileira."

◇

Um livro de valor, este, "Não ha de ser nada..." de Origenes Lessa.

AD.

E'cos do Carnaval Official

S. Excia. assignando o decreto que concede honras de chefe de Estado ao Sr. Momo e dá a Ordem do Cruzeiro ao Interventor do Districto pelo successo do Carnaval.

ZE' CARIOCA — Gostou muito d o Carnaval, Mister?
TOURISTE — Mim não viu nada por causa de uma lança-perfume que me jogaram nos olhos.

UMA NOVA DANSA A "FRANCEZA"

Que provocação não é esta dansa, não sómente franceza de nome, mas de espirito, de caracter e de estylo! Porque si o compositor, Yves Dautun, se inspirou em Lulli e em Rameau, o choreographo, D. S. Valentin, extrahiu os novos passos das antigas dansas francezas, que toda a gente achou tão bonitas... ha um seculo: pavana, minueto, gavota.

E tambem de dansas regionaes: "bourrée", passos bascos, provençaes, bearnezes, armoricanos. Pois bem, tudo isso, — e ahi está o milagre! — fornece uma dansa que tem a dupla qualidade de ser mui simples e mui moderna.

A "franceza" notabiliza-se por passos que a classificam entre as raras coisas que um olhar sensivel ao attractivo da Arte poderá observar sem decepção.

Devemos reconhecer que a "franceza", dansa cantada, conquistou logo todos os favores. Executam-na, cantam-na, já, bastante. Amanhã, dansal-a-ão com garbo, graça e convicção... E podia receber melhor acolhimento esta dansa nova dedicada á Mme. Albert Lebrun, que o que teve ha pouco no baile da "Comédie Française", onde foi apresentada por Harry Pilcer e Mlle. Rahna?

Os deuses que presidem á sorte das dansas parecem ter ricamente dotado a "franceza". — G. Arqué.

O Sr. e a Sra. Valentin, numa exhibição publica, dansando a "franceza".

O refrain da nova dansa, que está alcançando grande successo

Após a conferencia realizada na Nunciatura sobre a propaganda da Fé Catholica, salientando-se, ao centro, o Nuncio Apostolico.

Após a inauguração da Casa dos Artistas, nesta Capital, onde se congregarão os cultores de Arte da cidade.

Reunião dos inspectores escolares e inspectores medico-escolares, realizada na séde da Associação dos Professores Primarios.

Na Faculdade de Direito de Nictheroy, por occasião da reunião pró-voto-academico.

A senhorita Sylvia Mello, apreciada cantora offereceu a suas amiguinhas, no dia do anniversario, uma "soirée blanche"

— Qual a Maior das Poetisas Brasileiras?

A BRILHANTE, gloriosa e magnifica victoria intellectual de Gilka Machado na *enquête* que *O Malho* promoveu para saber qual a maior das maiores poetisas de nossa terra, é dessas explendorosas victorias que passarão para o futuro como a mais indiscutivel manifestação dos intellectuaes brasileiros.

Jámais, temos orgulho e immodestia em dizel-o, jámais se organizou no Brasil um concurso tão limpo, tão digno, tão honesto quanto este da Maior das Poetisas Brasileiras. E jámais — a intellectualidade, em voto aberto, o disse — jamais houve nem poderia haver um triumpho mais expressivo, mais indiscutivel, mais grandioso que esse que a nossa ultima apuração hoje publicada accusa: Gilka Machado, primeiro logar.

* * *

ANNUNCIADO este nosso concurso na edição n. 1.562; publicadas as relações dos intellectuaes-eleitores escolhidos, nas edições seguintes; a contar do n. 1.564-5 iniciamos a publicação das apurações dos votos recebidos, com ou sem justificação, desde logo em accentuada maioria para Gilka Machado.

Os votos assignados e as justificações, já tivemos opportunidade de dizer aqui mesmo, por si só dizem mais que qualquer commentario nosso quanto ao successo da *enquête* e a victoria de Gilka Machado. Vamos unicamente, hoje, pela vez definitiva, salientar os nomes que votaram até a ultima apuração verificada ainda no dia 28 de Fevereiro, apuração final e completa, sem os fataes erros de revisão com que vinham sendo publicadas.

* * *

GILKA DA COSTA MACHADO iniciou a sua vida intellectual com 13 annos de idade. Mal surgiu, venceu. E venceu porque a sua arte era original, nova, inédita até então nos annaes da poesia em nossa terra, em todos os tempos. Ella tinha independencia e idéas proprias. Suas. A critica, porém, que desconhecia taes predicados, pareceu não gostar e teve immediatamente para seu auxilio uma tal de moral, que é sabido não frequentar as casas de certos criticos...

Logo... Gilka Machado venceu. E venceu porque trabalhou para o futuro, pouco se incommodando com o presente. E o futuro mais uma vez demonstrou o seu reconhecimento: sagrou-a, pela penna de uma maioria absoluta de intellectuaes de todas as gerações, como a maior das maiores poetisas do Brasil.

* * *

Os livros que Gilka Machado publicou até agora, foram quatro: *Mulher Núa, Crystaes Partidos, Meu Glorioso Peccado* e *Estados de Alma.*

Na imprensa, porém, esparsos aqui e ali, os seus versos são muitos e dariam para publicar, se Gilka Machado o quizesse e não temesse como teme os editores, mais outras tantas obras.

Mas, arredia, despreoccupada, sem illusões, Gilka Machado sorri scepticamente de tudo. E até do resultado de nossa *enquête*... A duvida em sua vida é tal, que até duvida de tudo que vê...

* * *

O PREMIO que *O Malho* offereceu á vencedora de nossa *enquête*, como annunciamos desde o principio, é uma Medalha de Ouro, commemorativa, a ser entregue publicamente. Esta Medalha já está em execução e ficará exposta, por algum tempo, numa das vitrines da Avenida Rio Branco, para a satisfação da curiosidade publica.

* * *

DOS 250 intellectuaes residentes no Rio que *O Malho* alistou *ex-officio* na relação dos eleitores desta *enquête*, deixaram de votar 53, por este ou aquelle motivo.

A maioria destes intellectuaes é parte componente da Academia Brasileira de Letras. Nada temos contra essa douta associação ou cenaculo de immortaes. Mas devemos uma satisfação ao publico do motivo porque se absteve na eleição a maioria de seus membros. São amigos desta redacção e têm pela nossa revista a maior das sympathias, como por varias vezes têm-se manifestado os intellectuaes da Avenida das Nações. Mas é sabido de sobejo que essa casa de expoentes têm horror ás mulheres. As filhas da gloriosa Eva, pelos estatutos da dita Academia, não têm direito á immortalidade, sejam ou não sejam cincoenta e oito vezes superior, em intelligencia, a qualquer de seus membros. E esta é a razão simples e pura, porque a maioria dos intellectuaes da Academia de Letras, não desejou manifestar, em publico, suas preferencias, comquanto em particular, nol-as tenham transmittido...

Todavia, convém destacar os que, da Academia de Letras, em lindo gesto de independencia, expenderam as suas opiniões: Antonio Austregesilo, Alcides Maya, Rcquette Pinto, Affonso Celso, Rodrigo Octavio, Ramiz Galvão, Medeiros e Albuquerque, Laudelino Freire e Humberto de Campos.

* * *

COMQUANTO todos os votos para a nossa *enquête* sejam assignados do proprio punho do intellectual-eleitor, *O Malho*, ainda uma vez, no intuito de demonstrar a exactidão de todos esses votos, convidou uma commissão de directores e redactores-chefes de varios dos nossos orgãos de imprensa para a verificação de todas estas cedulas.

Na proxima edição publicaremos a acta dessa commissão de tão alta importancia.

Gilka da Costa Machado, consagrada por cem votos de intellectuaes brasileiros, a maior das maiores poetisas brasileiras

APURAÇÃO FINAL

E' o seguinte o resultado da apuração final do nosso concurso sobre a maior das poetisas brasileiras:

Gilka Machado	100
Maria Eugenia Celso	41
Rosalina C. Lisbôa	11
Carmen Cinira	10
Anna Amelia C. de Mendonça	10
Patricia Galvão (Pagú)	7
Cecilia Meirelles	6
Henriqueta Lisbôa	3
Lia Corrêa Dutra	1
Leda Rios	1
Hildeth Favilla	1
Else Machado	1
Heloisa Bezerra	1
Elza Araripe Milanez	1
Eneida	1
Ide Blumenschein (Colombina)	1
Palmyra Wanderley	1

* * *

E' o seguinte o resultado final da votação em nossa *enquête*:

Votaram em Gilka Machado:

José Vieira, Domingos Magarinos, Diniz Junior, Barreto Filho, Povina Cavalcanti, Julio Salusse, Roquette Pinto, Alarico Silveira, Francisco Campos, Sylvio Julio, Benjamim Lima, Bruno Lobo, Mario Vilalva, Attilio Milano, Horacio Cartier, Henrique Pongetti, Renato Travassos, M. Nogueira da Silva, De Mattos Pinto, Rego Barros, A. J. Pereira da Silva, José Maria Bello, Carlos Dias Fernandes, Benjamim Costallat, C. Paula Barros, Jorge Santos, Arthur de Guaraná, Affonso de Carvalho, Mendes Fradique, Adelino Magalhães, Homero Pires, Lindolpho Xavier, Saul de Navarro, Hernani de Irajá, Joracy Camargo, Martim Carlos, Viriato Corrêa, Azevedo Amaral, Thomás Murat, Asterio de Campos, Hildebrando de Lima, Sabino de Campos, Abadie Faria Rosa, Antonio Simões Reis, Alcides Maya, Heitor Pereira, Agripino Grieco, Andrade Muricy, Heitor Beltrão, Ruben Gill, Max Monteiro, Antonio Austregesilo, Fabio Luz, Bastos Tigre, Herman Lima, Oswaldo Paixão, Americo Valerio, Santa Cruz Lima, Julio Barata, Clodomiro de Vasconcellos, Orestes Barbosa, José Americo de Almeida, Luiz Edmundo, Arnaldo Damasceno Vieira, Affonso Costa, Théo-Filho, Carlos Maul, Gondim da Fonseca, Herbert Moses, Oscar Lopes, Heitor Modesto, Telles de Meirelles, Paulo Silveira, Angyone Costa, Teixeira Soares, Raphael de Hollanda, Mozart Monteiro, Leão de Vasconcellos, Leão Padilha, Gilberto Amado, Pontes de Miranda, Renato de Almeida, Murillo Araujo, Tasso da Silveira, Flexa Ribeiro, Harold Daltro, Paschoal Carlos Magno, Augusto F. Schmidt, Luiz Martins, Heitor Marçal, Jorge Amado, Clovis Monteiro, Almachio Diniz, Rafael Barbosa, Brasil Gerson, Bezerra de Freitas, Carlos Rubens, Sodré Vianna, Odylo Costa Filho.

Votaram em Maria Eugenia Celso:

Humberto de Campos, Agenor de Roure, Celso Vieira, Mauricio de Medeiros, José Geraldo Vieira, Barbosa Lima Sobrinho, Gastão Penalva, Octavio de Britto, Nelson de Senna, Laudelino Freire, Carneiro Leão, Otto Prazeres, Rodolfo Garcia, Flavio da Silveira, Tostes Malta, Gilberto de Andrade, Hermeto Lima, Rodrigo Octavio Filho, Raul Pederneiras, Alves de Souza, Mario Nunes, Benedicto Lopes, Armando Gonzaga, Leoncio Corrêa, Medeiros e Albuquerque, J. Mattoso Maia Forte, Ramiz Galvão, Rodrigo Octavio, Gustavo Garnet, Affonso Celso, Gastão Cruls, Lafayette Silva, Sertorio de Castro, Castilhos Goycochêa, Augusto Amado, Assis Memoria, Silveira de Menezes, Max Fleiuss, Alexandre da Costa, Oswaldo Orico, Corynthо da Fonseca.

Votaram em Rosalina C. Lisbôa:

José Maria dos Santos, Peregrino Junior, Victor Viana, Leonidio Ribeiro, Leal de Souza, Luiz Paula Freitas, Sylvio Figueiredo, Sebastião Fernandes, Paulo de Magalhães, João Lyra Filho, R. Magalhães Junior.

Votaram em Carmen Cinira:

Cardillo Filho, Gastão de Carvalho, Paulo Filho, J. C. Mello Souza, Romeu de Avellar, Jarbas de Carvalho, José Sizenando, Neves Manta, Costa Rego, Paulo Gustavo.

Votaram em Anna Amelia:

Martins Capistrano, Claudio Ganns, Lemos Britto, Carlos Sussekind Mendonça, Bandeira Duarte, Joaquim Ribeiro, Da Costa e Silva, Reis Carvalho, Elias Davidovich, C. da Veiga Lima.

Votaram em Patricia Galvão (Pagú):

Annibal Machado, Ricardo Pinto, Arnon de Mello, Ary Pavão, Martins Castello, Danton Jobin, Garcia de Rezende.

Votaram em Cecilia de Meirelles:

Prado Kelly, Christovam de Camargo, Jorge Lima, Oswaldo Santiago, Figueiredo Pimentel, Padua de Almeida.

Votou em Lia Corrêa Dutra:

Bastos Portella, Hamilton Barata, Berillo Neves.

Votaram em Henriqueta Lisbôa:

Carlos Pontes.

Votou em Leda Rios:

Luiz Moraes.

Votou em Hildeth Favilla:

Chermont de Britto.

Votou em Else M. N. Machado:

Terra de Senna.

Votou em Heloisa Bezerra:

Carlos Cavaco.

Votou em Elza Araripe Milanez:

Waldemar Bandeira.

Votou em Eneida:

Dante Costa.

Votou em Ide Blumenschein (Colombina):

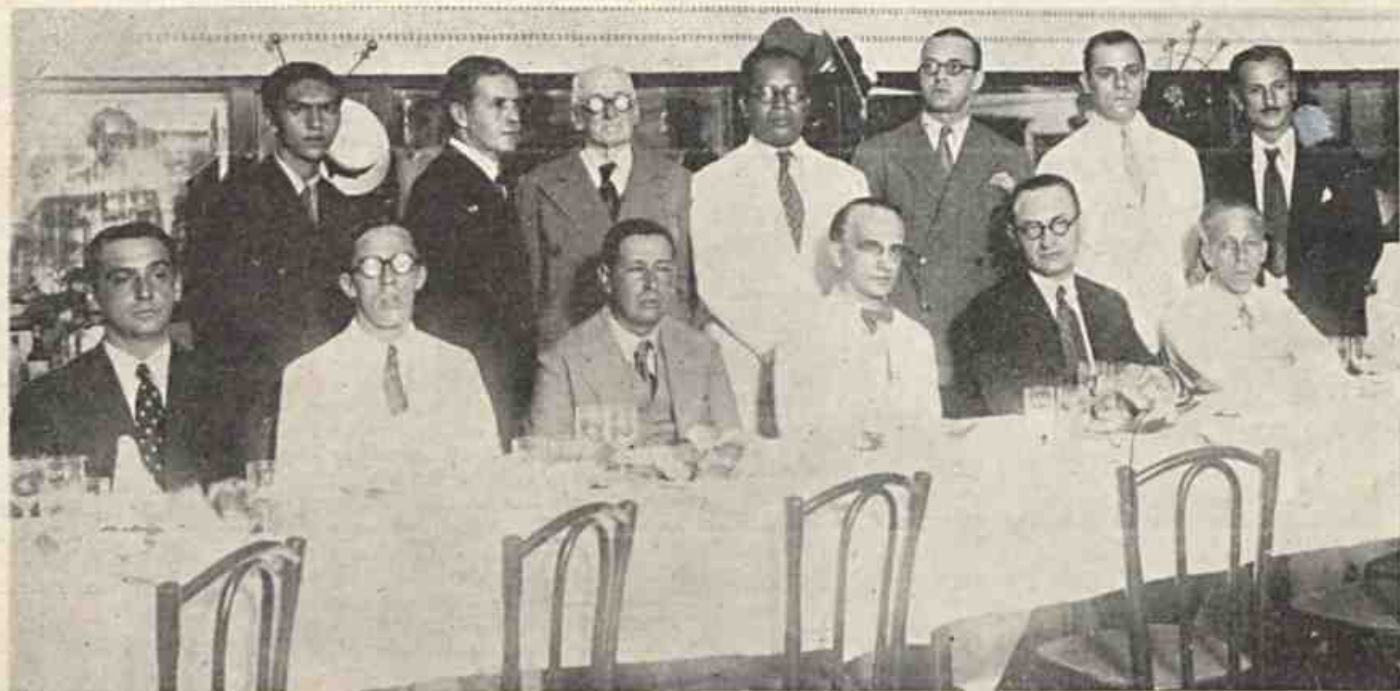
Elcias Lopes.

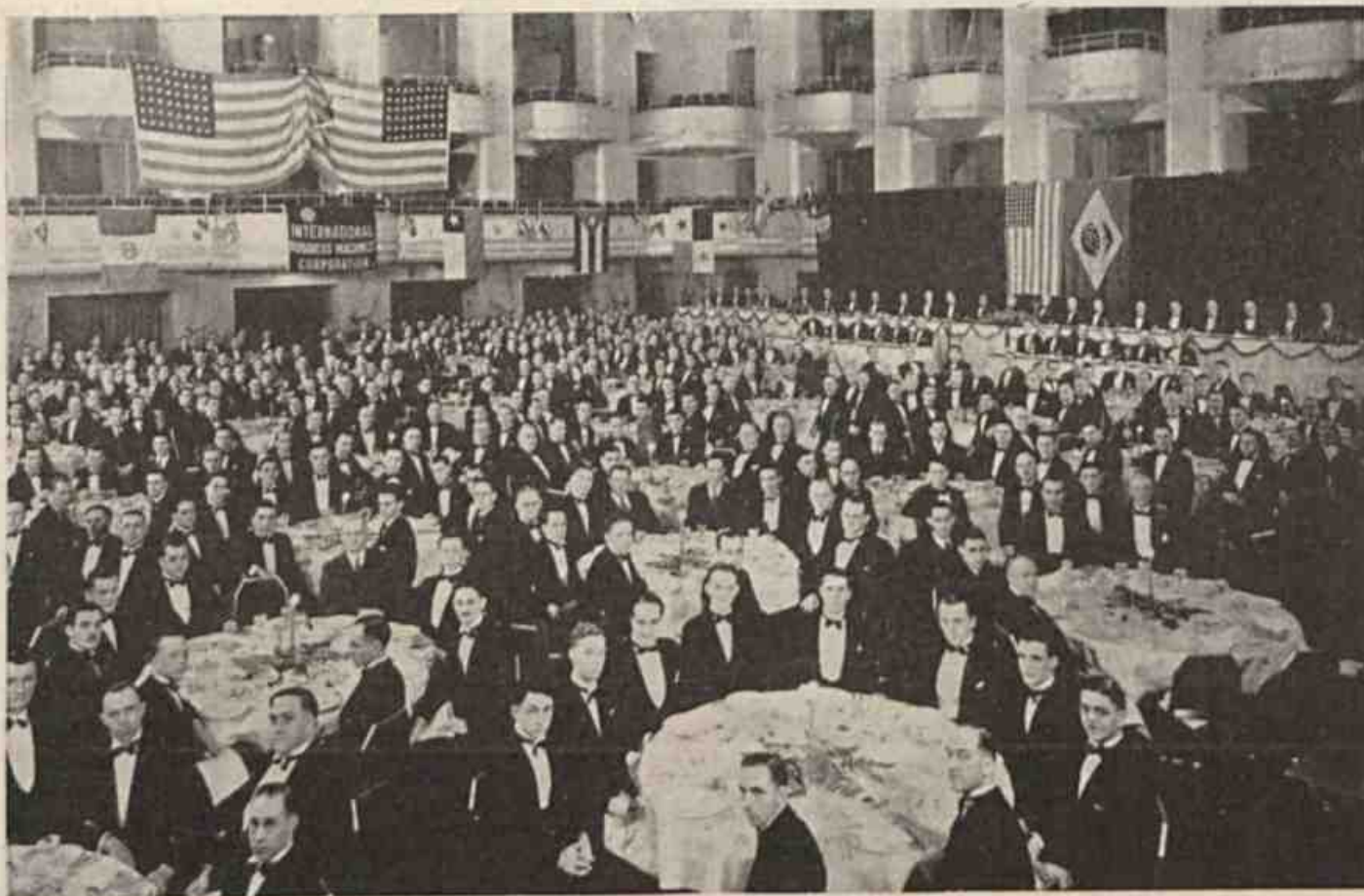
Votou em Palmyra Wanderley:

Rubey Wanderley.

JUSTIFICAÇÕES

NO proximo numero publicaremos as justificações de votos recebidas para esta ultima apuração.

Homenagem intima a Sud Mennucci

Almoço intimo que ao professor Sud Mennucci, escriptor, politico e jornalista de São Paulo, offereceram seus amigos — jornalistas do Rio, aproveitando a curta estada do brilhante espirito de educador entre nós. O homenageado, que se vê nesta photographia entre o Dr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., e o Dr. Barbosa Lima Sobrinho, director do "Jornal do Brasil", é autor de "Brasil Desunido" e "Cem annos de Instrucção Publica" que já appareceram, além de "O que fiz e pretendia fazer", obras todas de successo inconteste.

BRASIL - ESTADOS UNIDOS

Aspecto do banquete de 600 talheres offerecido no "Waldorf-Astoria", de Nova York, o maior e mais luxuoso hotel do mundo, ao Sr. Valentim F. Bouças, director geral dos serviços Hollerith e gerente geral no Brasil da International Business Machines Corporation. O nosso patricio é o mais antigo director gerente dessa po[illegible] organização no estrangeiro, e o unico que, não sendo americano, nella conseguiu, em seus quarenta e quatro annos de existencia, maior quota de serviços. E' a primeira vez que um industrial da America latina recebe nos Estados Unidos tão alta homenagem, redundando igualmente de modo significativo em proveito do nome do Brasil ali.

De Cinema

Graciosa, elegante, lindissima, quem diria que Sally Eilers já trabalhou no *papel* de "Menina Ma?" O cinema tem desses paradoxos. Quantas pequenas bôas e bonitas a fazerem "films" feios, e quantas pequenas más (de olhos de fulminar mortaes) a fazerem bons *papeis*...

Estas cinco *poses* de Sally Eilers dão bem a idéa de quanto elegante ella é, no vestido de recepção, no pyjama, no costume de inverno, no vestido de "soirée" e de passeio. Só falta Sally de "maillot"...

D E L I T E R A T U R A

"SOCIALISAÇÃO DO BRASIL", de *Olympio Pinto.*

O Socialismo é a palavra da moda no Brasil. Alguem gritou, brincando por ahi, com as mãos em concha, na bocca, essa palavra tão bonita, e o resto do pessoal que ouviu, e mesmo o que não ouviu, repetiu, em éco, a palavra de som tão delicioso... E está ahi como o Socialismo ecôou no Brasil, para bem ou para mal de nossa terra.

Os partidos politicos socialistas superabundam. Os jornaes até nos annuncios fa'am de socialismo. Nos cafés discute-se acaloradamente o socialismo. E ha uma certa organização socialista, não nos lembramos se no Paraná, se no Espirito Santo, que tem ideaes monarchicos e outra, no Rio, com idéas christãs, além de outra que se intitula socialista-espiritualista...

Foi nesse brohaha todo que o Sr. Olympio Pinto teve a magnifica idéa de escrever *Socialismo do Brasil*, um livro onde o autor de *A Raiva dos Deuses* resolve explicar o que seja socialismo e suas finalidades para o Brasil.

"A palavra *socialista* significava d'antes, e deveria significar sempre, um homem que procura melhorar e aperfeiçoar a ordem social em beneficio de todos aquelles de que a sociedade se compõe" — disse Lamartine. E é baseado nessa phrase que o Sr. Olympio Pinto nos apresenta o seu livro, com este pensamento: "Educar, educar, antes de instruir!"

Ribeiro Couto na Academia de Letras

RIBEIRO Couto entregando ao publico mais um livro delicioso, — *Club das Esposas Enganadas* —, apresentou sua candidatura á vaga de Constancio Alves, na Academia Brasileira de Letras.

Esta é uma candidatura victoriosa. Ribeiro Couto pode considerar-se dentro do cenaculo dos immortaes. E elle bem merece essa immortalidade, porque foi um escriptor que se fez pelos proprios escriptos, fóra da cabotinice e das cobalas.

Se *A casa do gato cinzento* ou outros livros não chegassem para firmar o seu nome de escriptor de valor immarcessivel, só aquelles versos que elle publicou em livro, ha annos, o consagrariam como poeta.

Mas Ribeiro Couto é ainda autor do mais lindo romance de amor publicado nos ultimos dez annos no Brasil. Referimo-nos a *Cabocla*, que, ao lado de *Memorias*, de Humberto de Campos e *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, é uma obra impar em nossa literatura.

Com a entrada de Ribeiro Couto, aliás, para a Academia, abrir-se-á uma nova éra para a mais alta associação de cultura nacional. E com essa eleição, a Academia terá dado mostras de que a novBa geração tem valores sufficientes para participar de suas glorias e seus trabalhos.

E se tal não acontecer, se Ribeiro Couto, verdadeiro escriptor, não fôr eleito na vaga de Constancio Alves para a Academia, esta terá dado a prova mais concreta de que falliu ás suas finalidades, quaes sejam as de trazer para o seu meio os intellectuaes na expressão da palavra.

E mude-se então o seu nome, de vez, para Academia de Qualquer Coisa.

"A SEREIA SCANDINAVA", do *Sr. Argeu Guimarães.*

ARGEU Guimarães é um nome de alta expressão nos circulos culturaes de nossa terra.

Publicou, já, em 1930 *Bolivar e o Brasil* e o anno passado *Vida e Morte de Natividade Saldanha* o primeiro em edição franceza e o segundo de Portugal.

Essa não é toda, porém, a obra literatura de Argeu Guimarães. Dos opusculos que publicou em varias datas, destacamos "Da espionagem", "Historia das Artes Plasticas no Brasil", "Os portuguezes em o novo reino de Granada", "O General Labatut" e outros.

Agora o Sr. Argeu Guimarães publicou em edição de Lelo & Irmão *A Sereia Scandinava*, livro de chronicas deliciosas daque'la terra encantada do norte europeo.

"Descozida collecção de estudos e impressões esta, rabiscada sem arte nem systema, não mereceria, por certo, as honras de uma edição, se não fôra o capricho do autor, de querer fixar a lembrança daquelle pequeno mundo scandinavo, cujo sereno e amavel ambiente permitte vantajosamente esquecer inocuas investidas do Mal..."

Esta é a nota prefacio. Veja-se, agora, o estylo: "Numa enseada, á beira das alamedas floridas do grande parque de Laugne Linnie, em Copenhague, um artista inspirado modelou no bronze a concepção do escriptor. E sobre uma fraga perpetuamente acariciada pelas ondas mansas do Sund, a Lille-Horefru ergue o busto delicado, esculpido em metal perenne, na perfeição das formas núas e moças desabrochando das aguas. E' a consagração do symbolo. O dinamarquez, o scandinavo em geral, mira a seductora figura e cede ao sortilegio da lenda, partindo para longes terras, viajando e amando, até voltar algum dia, inevitavelmente, ao ninho paterno, á clara Dinamarca, flor graciosa do seio da sereia, na phrase exaltada do poeta Berford".

Quem quizer viajar por terras encantadas e conhecer maravilhosas lendas — procure o livro do Sr. Argeu Guimarães e terá vivido uma parte da vida inedita.

"ESPELHO DE ALMAS", de *José de Mesquita.*

PREMIADO pela Academia Brasileiras de Letras em 1931, *Espelho de Almas*, que o Sr. José de Mesquita publicou em edição de A. Coelho Branco Filho e capa de Demetrio, é obra de grande interesse em seu genero.

Contendo dez narrativas curtas, todas no genero das que muito usam os literatos francezes, *Espelho de Almas* bem mereceu o premio da nossa mais alta casa de cultura literaria.

O Sr. José de Mesquita, aliás, não é nome extranho nesta revista, autor premiado que foi em nosso concurso de contos brasileiros.

O serviço graphico-editorial de *Espelho de Almas* é bom.

LIVROS HISTORICOS QUE SE ANNUNCIAM:

De Afranio Peixoto, "Domitila", vida remanceada da Marqueza de Santos, amante do Imperador Pedro I.

De Oswaldo Orico, "Caxias", biographia romanceada do grande general vencedor da Batalha de Tuyuty.

De Heitor Moniz, "Floriano", romance historico do Marechal de Ferro e sua época.

De Pedro Calmon, "Pedro I", romance que se passa em torno do primeiro Imperador do Brasil.

LIVROS QUE *O MALHO* RECEBEU:

— Do Sr. Prado Ribeiro, que ainda ha pouco publicou com os maiores elogios o livro *Brasil*, resumo dos nossos factos historicos, recebemos e agradecemos os tres exemp'ares de seus livros anteriores — *Bonzos de Lama*, *Almas Morbidas* e *Vida Sertaneja*, este ultimo chronicas dos usos e costumes do sertão bahiano.

— O Sr. Mario Vilalva, consagrado poeta de *Horas do meu viver*, teve a gentileza de nos offerecer o seu ultimo livro *Fagundes Varella*, em que estuda a vida, a obra e a gloria do assombroso poeta de *A terra da Promissão*.

Dois dedos de Philosophia Contemplativa

Neste mundo de tantas vidas e creações, a gente, quando se põe a pensar, fica embasbacada com a confusão das reflexões, que se embaralham em nosso bestunto intellecto. Bestunto, sim senhor, porque ou eu não passo de uma toupeira ou tudo isso, que se vae desdobrando desde o alvorecer das auroras até o amortecer das tardes alegres ou sombrias, está torto e muitissimo torto.

Desde que fui pirralho e que comecei a escutar o que se diz dos homens e das coisas, que elles fazem sempre, ouvi o martellar da critica procurando destruir ou corrigir o estado normal das confusões, que sempre reinaram no vasto imperio das idéas e das liberdades individuaes.

Isso de liberdade é a maior das tapeações conhecidas, pois todas as vezes que se dá folga á liberdade o barco se encrenca e, ás vezes, afunda, sem salvação. Eu me refiro á barca da nação.

O bicho homem nasceu para viver brecado e quando elle, num gesto de protesto, quer espernear para dar o fóra a esta brecação, o caldo se entorna pela cesta e lá se vae toda a sopa pelo assoalho abaixo.

E põe-se a creançada a choramingar. Creançada faminta sim, senhor.

Tudo isso que por aqui e por ahi tanto grita e esbraveja é creança sem sopa, é o pessoal do caldo entornado. Este é o fundo limpido e crystallino de todas as verdades, é a verdade mater. Uma óva esse negocio de transformar em forma tragavel esta vida incerta e vagabunda, suave ou trabalhosa, conforme o matiz de quem a traz ou de quem a carrega.

Qualquer que seja o estado social ou a forma de governo, que nos regule, a pêrêrêcação no trabalho e na dôr, para a maioria dos ouvintes, é uma fatalidade da qual se não póde escapar. E isso de opinião publica é como dizia o batuta Clemenceau: "Opinião publica é aquillo que se publica".

O magnata achava que isto de viver é uma festa constante.

Um biscoito que isso é festa. Festa é para quem já nasceu a cavallo, ou quando tenha sido cavallo se transformou depois em cavalleiro.

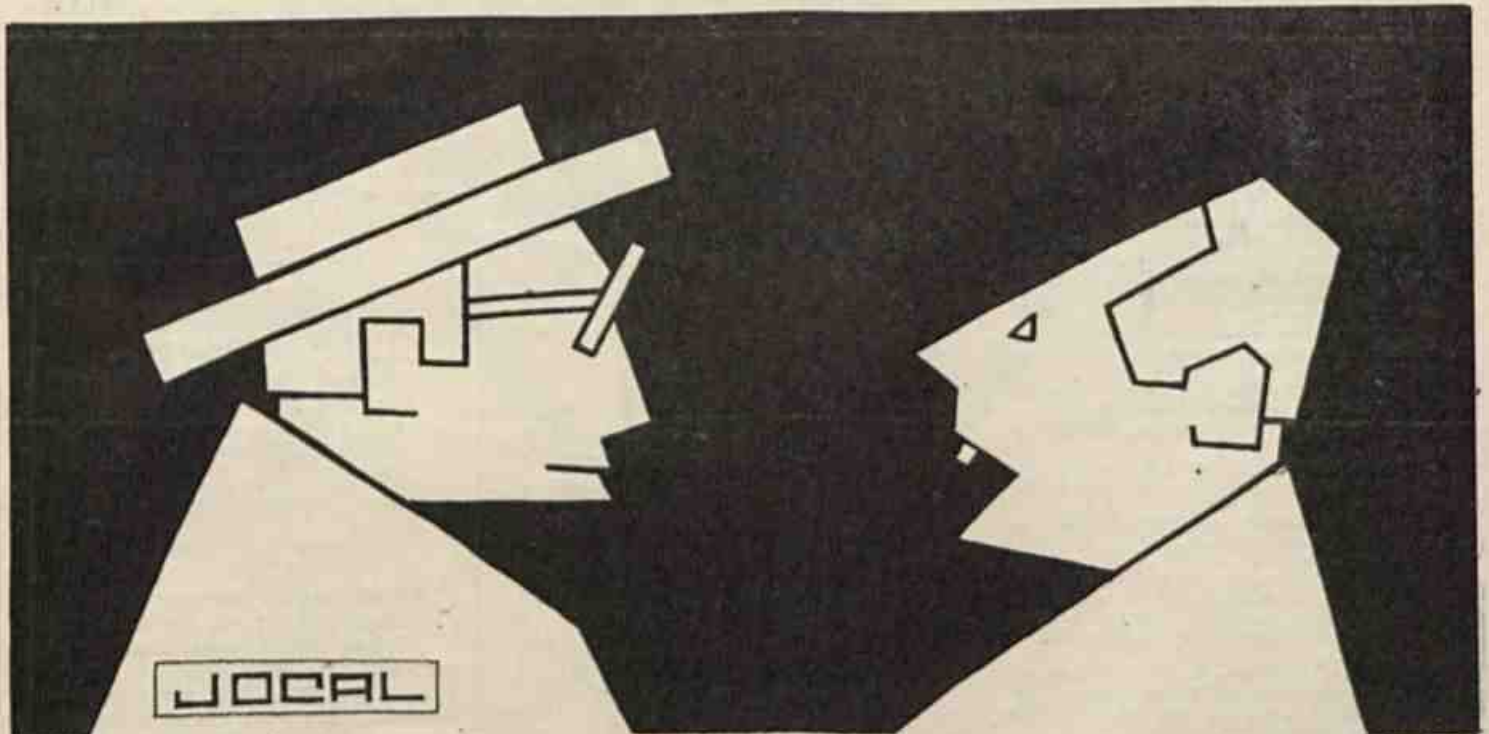
Mas, em regra geral, essa coisada nunca foi festa nada. Um avança, ora methodico, ora desordenado é que é, porém festa nunca jámais foi.

E quando a gente vê o calor dos idealistas, a forjar theorias novas, nas suas extenuantes bravatas, proferindo phrases luminosas da mais bem engendrada rhetorica, nas verberações ruidosas dos actos dos que estão empoleirados, a gente fica de olho fisgado no camarada, a dizer com seus botões: — o que elle quer é comida. — E' isso mesmo, o que elle quer é milho. Milho nelle e verá como elle se amaina.

JOSÉ PIPÓCA

S. Paulo, 4-3-33.

— Meu genro, vou presentear-te com o meu voto.

— Obrigado, minha sogra. Eu vou retribuir o seu presente com uma "urna".

— Você viu como o carnaval este anno esteve "vagabundo"?
— Como assim?
— Ora, só se viam "malandros"...

DE TUDO UM POUCO

ASSIM, NÃO

SABERÃO os leitores desta columna de frivolidades que coisa feia é o "georgismo"?

Sabem-no de certo, tanto nisso se tem falado, ultimamente, em conversa, em conferencias, e em publicações jornalisticas.

Melhor, entretanto, será dizer que sabem o que foi; mas talvez ignorem o que seja.

Um certo Henri Georges, que o Larousse informa ter nascido em Philadelphia e morrido ao findar do seculo passado, e que com esses preciosos enfeites biographicos apparece, ultimamente, a cada passo, pretendeu que se creasse um imposto territorial que permittisse a abolição de todos os outros, que os substituisse, que fosse o — imposto unico —.

A essa idéa foi que se deu o denominação de "georgismo", do nome de quem a preconisára.

Hoje, porém, o "georgismo", de idéa abandonada, que era, passou a ser um bicho de sete cabeças, um papão, um lobishomem com que se pretende amedrontar o Dr. Pedro Ernesto.

O interventor mostrou-se disposto a converter em um só os impostos e taxas que gravam a propriedade immobiliaria, só isso, nada mais.

Pois foi quanto bastou para que abnegados proprietarios de vastissimas areas territoriaes viessem á liça, não para tratar de seus proprios interesses, mas para cuidar sómente do dos pequeninos proprietarios.

E foi, assim, que resurgiu o "georgismo".

Entraram, então, a desafiar aquelles interessantissimos advogados todo um extensissimo rosario de economistas e poetas que, em prosa têm combatido o imposto unico, o tal "georgismo", repudiado por todas as nações.

Mas, que poderiam provar com tantas citações?

Apenas o repudio e o combate.

Só isso não basta, porém, para a condemnação.

Para esta seria indispensavel admittir que toda a idéa combatida e repudiada seja nociva.

E a tanto não chega o altruismo dos grandes proprietarios de terras.

Elles bem conhecem idéas que, combatidas e repudiadas, se tornam vencedoras, applaudidas, respeitadas.

O exemplo de Galileu é frisante e commodo — principalmente commodo, porque nunca deixa de vir no arrastão em pescarias de citações desse genero.

O Santo Officio póde arrancar ao velho sabio uma abjuração, mas não conseguiu paralysar a terra.

Com os adversarios do projectado imposto, porém, todo o cuidado é pouco.

Assim como chegaram, não já a um parentesco consanguineo desse imposto com o "georgismo", mas á propria identificação delles, podem vir até a dar áquelle exemplo o proposito de mostrar a excellencia de todas as idéas combatidas e repudiadas.

Não; o que aqui se pretende é apenas arrombar uma porta aberta, é dizer que só por ser combatida e repudiada uma idéa não fica provado que seja má.

O processo da engraçada dialectica desses campeões é conhecido.

Arranja-se o nome de uma cousa antipathica, baptisa-se com elle outra que nenhuma affinidade tem com aquella, e está arreado o cavallo de batalha.

Depois é lançal-o contra o nome e não contra a cousa.

Mas que tem Judas com a alma dos pobres?

Quando pretendeu o interventor carioca abolir todos os impostos municipaes para ficar só com o territorial?

Nessa não cahiria.

Ha, entretanto, quem perca tempo, papel e tinta, suppondo que joga cinza nos olhos do povo.

Assim tambem é demais.

Se o Dr. Pedro Ernesto se deixasse assustar com brincadeiras desse tomo, se ellas pudessem arrefecer-lhe os propositos, estaria elle, então, condemnado a não fazer mais nada.

Imagine-se, que S. Ex. pretendesse crear uma colonia de ferias para alumnos das escolas publicas, e para isso precisasse de uma grande area de terreno, e esta fosse parte um latifundio de qualquer dos interessantissimos adversarios do... "georgismo".

Ora, como os terrenos pagam de imposto uma ninharia, talvez a desapropriação, por utilidade publica, não fosse do agrado do tal proprietario.

Não faltaria, então, quem viesse para os jornaes defender, não o interesse do collega, mas o das pobres creanças ameaçadas com o terrivel flagello da colonia de ferias.

"Que absurdo, que monstruosidade! diriam, em coro. "Pensar-se aqui em crear colonias é disparate, e grosso. Colonias!... Desageitada imitação de um imperialismo exotico. Deixe isso para outras nacões. Aqui, seria uma repetição desarrazoada transplantação do "edelweiss", a flôr do gelo, para regiões tropicaes"...

E lá iria, por deante, "o monstro horrendo nossos fados dizendo".

Mas que diabo de relação se póde fantasiar entre uma colonia de ferias aqui e as colonias imperialista lá fóra?

A mesma que entre o imposto territorial e o "georgismo".

S

MODAS

Um moderno vestido para jantar ou *soirée*, feito de taffetas.

PARA SER MAIS BONITA

(Conselhos de Mme Ignotus)

SE a moda é ser cafe com leite, ha algumas que preferem ficar brancas. Para estas, e de uso durante o dia, vae o seguinte creme: 30 grms. de céra branca, 30 de azeite de baleia, 200 de azeite de amendoas, 50 de glycerina refinada, 4 de essencia de jasmim, 1 de essencia de violeta. Misturar a glycerina á céra e ao azeite, préviamente derretidos, juntando os demais ingredientes em banho-maria.

Alimento da cutis — 50 grms. de manteiga de cacáo, 25 de céra branca, 25 de céra de baleia, 100 de azeite de rosas, 0,25 de acido benzoico. Limpar bem a pelle, friccionar ligeiramente o crême alimenticio, depois, pela manhã, retiral-o com o liquido de limpar a pelle — como se fez, de vespera, antes do tratamento.

AS orelhas contribuem para o aspecto de qualquer physionomia. Se, acaso, não tiverdes orelhas "plasticas", podereis melhoral-as com o seguinte:

1° — cuidar severamente da digestão;

2° — friccional-as, cada noite, com a seguinte loção aquecida — 15 grs. de folhas de alfavaca, meio litro de agua pura — ferver durante 5 minutos.

Para firmeza dos seios — Preparar, em banho-maria, o seguinte: 50 grs de "agalla" pulverizada, 30 de incenso pulverizado, 30 de vinagre branco, 75 de agua de rosas. Ferver até certa densidade e applicar, quente, sobre os seios

GULODICE

Arroz á franceza

PÔR 250 grms. de arroz num litro de agua e sal, em ebullição; deixar ferver mais dois minutos; retirar a agua deixando arroz. Juntar 30 grms. de manteiga — mexendo bem — meio litro de caldo de carne, ou temperado, cobrir a cassarola e deixar ferver durante vinte minutos.

Qual a maior das poetisas Brasileiras ?

Anna Amelia

Em sua secção *Notas de Arte* da revista *Fon-Fon*, o brilhante poeta e critico Sr. Reis Carvalho, sob o pseudonymo Oscar D'Alva, teve a opportunidade de mais uma vez justificar o seu voto para a nossa *enquête* sobre a maior das maiores poetisas brasileiras.

Eis como se refere o Sr. Reis Carvalho sobre o assumpto:

AS RAZÕES DA SORTE: — Votando em Dona Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça para elegel-a no torneio elegante aberto pelo *O Malho*, — a maior poetisa brasileira — escrevemos justificando o voto com o nosso autonymo (Reis Carvalho): "*Entre as poetisas brasileiras na plenitude do estro ha tres primeiras: Anna Amelia, Gilka Machado, Maria Eugenia. Cada qual é maior ou menor que as outras duas conforme o criterio adoptado na classificação. Mas eleitor é preciso votar. Qual a 1ª entre as primeiras? Hesito. Entrego á Sorte, a escolha... E a Sorte escolhe — Anna Amelia*".

Como se vê, o eleitor não fomos nós, mas a Sorte. Nós elegemos não uma, mas tres poetisas. Resta saber se se justifica a nossa hesitação e se teve razão o Destino.

Justifica-se a nossa hesitação.

Quando se comparam as producções poeticas de Anna Amelia, Gilka Machado e Maria Eugenia, sente-se que, realmente grandes as tres musas brasileiras são todas differentes; cada uma é maior ou menor que outra, conforme o criterio do julgamento.

Possuindo todas a mesma intensidade de estro, cada qual nos emociona mais conforme o genero da emoção que transmitte.

Gilka Machado é a poetisa por excellencia das sensações physicas. Nenhuma das tres canta o mundo dos sentidos como a musa dos *Crystaes Partidos*. Nenhuma revela a riqueza de vocabulario e o imprevisto de imagens ao idealizar o que se vê e se ouve, se apalpa, se cheira ou se prova, como a empolgante cantora de *Mulher Nua*. Gilka Machado é, no sentido philosophico do termo, uma poetisa sensualista, tudo nella é sensação. Sob esse aspecto nenhuma outra a excede, nem mesmo a iguala.

Maria Eugenia, Maria Eugenia Celso, sobrepuja as outras duas pelo polymorphismo da sua inspiração, que tanto é grande no grave como no burlesco, na poesia em verso como na poesia em prosa, e verseja tão bem em portuguez como em francez. Nem Anna Amelia nem Gilka Machado possuem no mesmo grão semelhantes predicados.

Anna Amelia é superior ás duas rivaes pela belleza edificante da sua musa. Pairando acima da vida physica, ella idealiza sobretudo a vida psychica. Canta mais emoções que sensações. Não nos lembramos de nenhum verso da grande musa em que se revele qualquer allusão grave ou burlesca a sentimentos ou idéas, menos nobres. Poetisa essencialmente psychologia, a sua poesia idealiza mais que tudo os prazeres da sociabilidade, os gosos do altruismo. A sua musa tem algo de cornelliana. Não encanta só, edifica tambem. Sob esse aspecto nem Gilka Machado, nem Maria Eugenia attingem á grandeza de Anna Amelia. E o que ainda mais sublima a arte excelsa da poetisa de *Alma* e *Ansiedade* é que mantem toda a nobreza da inspiração, liberta de quaesquer crenças sobrenaturaes.

Eis ahi, num rapido esboço, os motivos por que hesitamos na escolha da primeira entre as primeiras.

O Destino, porém, decidiu. E decidiu de modo que nos surprehendeu.

Realmente, o momento que passa é o do reinado da vida physica, da existencia sensual, das fortes e brutaes emoções que nos deleitam e embriagam os instinctos mais numerosos e mais energicos, embora menos delicados, menos nobres; da arte, por assim dizer physiologica, em contraste com a arte psychologica; da arte pela arte; sem finalidade social; arte sem razão e sem moral; arte exclusivamente materialista. De sorte que seria mais logica a Sorte se como a maioria dos eleitores já o fez, elegesse Gilka Machado, como a primeira das primeiras. Ou então Maria Eugenia, tão grande como qualquer das duas na magnitude do estro, mas cuja musa sceptica e risonha não parece preoccupar-se muito com a edificação dos leitores, mas só em divertil-os e encantal-os e por isso mesmo mais em harmonia com o gosto da época...

Escolher para primeira das primeiras, a arte rara de Anna Amelia, foi para nós uma surpresa do Destino... Elle teve a coragem que nos faltou... — OSCAR D'ALVA.

— *Que bella fantasia de chineza! Pena é estar incompleta !*
— *Que falta ?*
— *Uma metralhadora portatil...*

ALINHAVOS

— Que é que se usa?

— Que é que está na moda, rigorosamente na moda?

Tudo...

Vestidos talhados de accordo com a silhueta; cintura bem no logar, direitinho como é; cintura um pouco para cima, no geito "princesse"; cintura um tanto arreada para os quadris, baixa nas costas, subindo, no emtanto, na frente.

Dizem os figurinos — pelos seus modelos: dizem os chronistas mais afamados — pelo que escrevem — que as roupas são simples, estar na moda é parecer, pelo menos, simples.

Todavia, e embora a decantada simplicidade, vemos nos mais singelos aspectos de vestidos certo rebuscamento de córtes e recórtes, presos uns aos outros por bainhas de laçada, á mão quasi sempre, ou pospontos, ou um rendilhado do proprio panno em tiras duplas e recheadas de fazenda forte, formando desenhos curiosos — desde a carreira de triangulos á feitura de rosas, de folhas, de quadrados, etc.

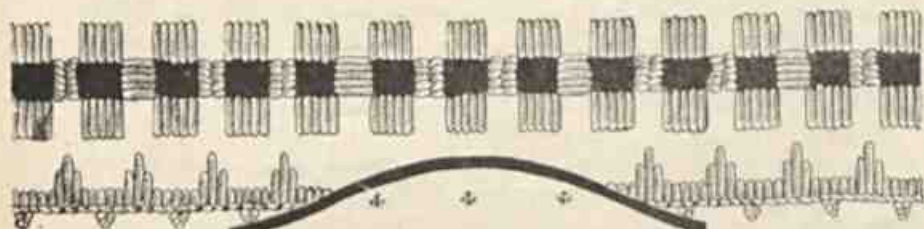
Todavia, e embora a asserção de que os vestidos são simples, vemos-lhes faixas de seda ou de romano de tonalidade que com a delles contraste, sem, no emtanto, dar impressão desharmoniosa, porque a harmonia é sempre a primeira qualidade da elegancia do vestido: faixas de pontas longas ou pequenas, em laçarotes rematando os cintos. Ha vestidos de rua de gollas completadas por laços do mesmo tecido; ha vestidos de noite de grandes laços na hombreira, como se proviessem do talhe do decote. Nesta pagina, varias demonstrações de laçarotes em vestidos de rua e de festa, sendo que, alguns figurinos de silhueta inteira, dois, principalmente, apresentam o gracioso enfeite: o primeiro, á esquerda, de grossa seda branca, "écharpe" côr de "abricot" bem como o cinto-faixa; o da direita, mais rua, é feito de "voile" de algodão listrado, gorro de fustão com um lacinho da tonalidade da listra colorida do vestido; junto uma silhueta essencialmente moderna veste linho branco — ou esponja — abotoado do lado por grandes botões de galalithe verde.

Sem maiores guarnições que as do proprio panno — no systema de recortes acima alludido — os quatro modelos a traço, todos de mangas compridas, todos graciosos, e ainda executaveis em "shantung", em crepon, em linho, em crepe de seda leve ou pesado.

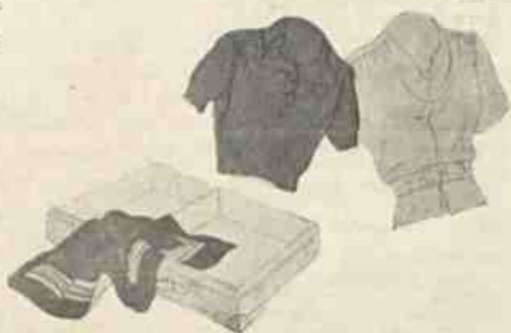
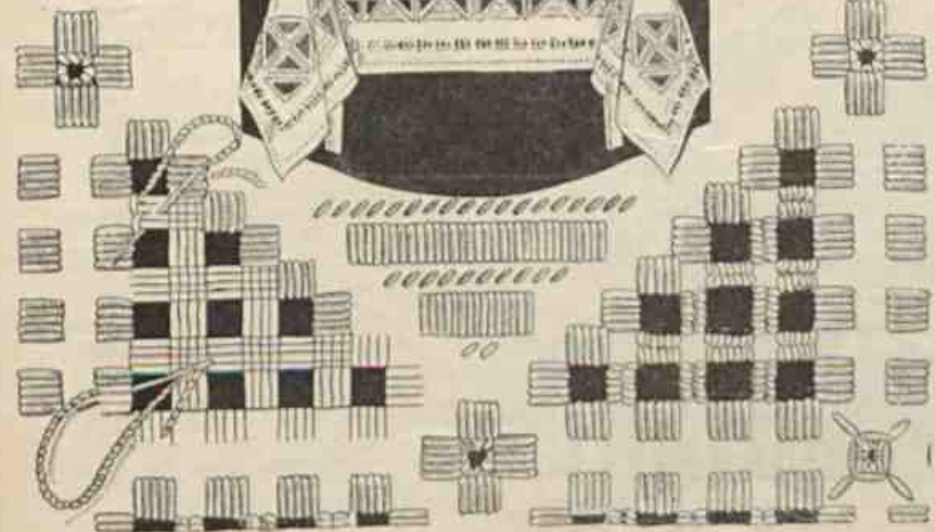
Duas silhuetas parisienses vestem: a da esquerda, gracioso costume de fustão de seda ou de algodão azul brando, golla com laço do mesmo panno, boina, luvas e sapatos brancos; o da direita, para dias chuvosos, dias de sombra, é de Jersey marinho, blusa e gorro de fustão de seda branca. A moda é simples...

Porém ordena uma série de pequenos nadas que transformam em varios um só vestido; um lenço de côr viva, barrado de tonalidade diversa para um vestido branco, que ainda parecerá outro — ou com uma "écharpe" de seda pastilhada, ou com um collar de

neiras de variar um vestido de crepe de seda branco. Um metro de panno para cada uma, forro da fazenda do vestido para a primeira — a listrada —, estamparia para a segunda, tom unido para a terceira que é faceiramente amarrada por um laço borboleta — como certas gravatas masculinas. Durante o estio é mistér vestir fazendas leves. A brasileira prefere a seda a qualquer outra especie de tecido. A parisiense, no ultimo verão, usou, quer durante o dia quer para dansar, vestidos de "voile" de algodão, de linho, de fustão fino. Andou sempre sem meias, e apenas pintou os labios com carmim da tonalidade do verniz das unhas dos pés e das mãos, não se esquecendo do "rimmel" nas

verniz vermelho ou azul, ou com um cinto e enfeite do chapéo de torçal trançado, em coloridos varios.

Uma saia branca — ou preta — é sempre roupa que se não dispensa quando se sahe pela manhã. Para tal, blusas côr de laranja, verde, encarnado, rosa, ou os "sweaters", usadissimos, em lã, durante o inverno, e de linha crua ou de seda no verão.

Quatro figuras em "bouquet" mostram, com as respectivas jaquetas, quatro ma-

pestanas e do lapis accentuando as sobrancelhas, que, quasi todas usam em arco, e muito poucas em "til" (mme Rochas, por exemplo), e a exemplo da bella Marlene Dietrich, artista de cinema, allemã, e das mais em evidencia nos tempos presentes. Tambem a parisiense se desnudou, nas praias, muito mais que a carioca em Copacabana, a pretexto de amorenar a pelle do corpo como a das pernas, dos braços, do collo, do rosto. Um simples "soutien", uma tanga... Tez de Josephina Baker — café com leite á ingleza — é o que impera, mesmo com cabellos ruivos ou prata em banho de ouro esmaecido. Assim, estar na moda é ser morena, bem morena. E tingir os cabellos em "platinum blonde" tal qual Joan Harlow, a "mulher fatal", de Hollywood.

O bordado, de vistosa apparencia e facil execução, pertence ao genero norueguez, servindo para "lingerie" de mesa e adorno de janellas, portas, ou abafadores de bules. Usar de preferencia, tecidos dos quaes se extraiam com facilidade os fios (conforme a gravura de baixo indica), trabalhado com linha brilhante, grossa. Parece que o desenho por si só dirá da marcha do trabalho, sendo, portanto, dispensavel detalhal-o. Mesmo assim ainda accrescentarei que o linho ou étamine côr de poeira devem ser preferidos, e a linha "ton sur ton", ou colorida de accordo com o gosto da dona... — SORCIÈRE.

1578
18
MARÇO

ALBUM DE ŒDIPO

CAMPEONATO
BRASILEIRO
DE 1933
Março — Abril

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1931

HELIO FLÓRIVAL

NOVISSIMAS 43 a 49

2—1—Sobre a "*montanha*", em cima de uma "*pedra*", é que se podia apreciar o *vicio da eloquencia*.

Ave da Sorte (S. Salvador, Bahia)

3—1—Quem *junta* e acha que não *chega*, é *pobre*.

Mr. Trinquesse (R. P. — São Paulo)

2—2—O *podre da madeira* foi tirado pelo "*homem*" por ordem *do fidalgo*.

Zelita (S. Paulo)

4—1—*Escuninho é "nota" de tatú"*.

Heliantho (S. Salvador, Bahia)

2—2—Este "*homem*" come, ha "*tempos*", *pulmões de porco*.

Edipo (Curityba, Paraná)

2—1—A *esperança* só é o *unico* dissabor sério para o homem *vaidoso*.

Nozinho (S. Salvador, Bahia)

1—2—De qualquer *maneira* não acho *valôr* num governo *despotico*.

Athenas (Belém, Pará)

ENIGMAS 50 a 54

Eu não posso comprehender
(Juro, fico *apalermado*
Como um homem, nos extremos,
Por ser bem apatetado,
Póde conter essa fruta
Sem esforço, sem cuidado!

Edipo (Curityba, Paraná)

Falar primeiro que todos
E' falta de educação;
Depois é falta falar
Pedindo aos mais attenção.
Conheço muitas pessoas
Que são mettidas assim;
Porém vivem quasi sempre
Envolvidas em motins.

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

Na escola de seu André
Eu tinha meus dois irmãos:
O Joaquim e o Mané.
Um, mal sabia o A e o B;
O outro, apenas o B, A, Bá.
Eram rudes, já se vê!

Primeiro nasceu direito
E o outro todo aleijado.
P'r'este não houve concerto.
Fiquei um dia agastado,
Por tamanha infelicidade,
Disse ao mestre respeitado:
Aos broncos de meus irmãos,
Sem dó e nem piedade,
Dê "*açoite dos christãos*".

Agama (G. C. S. A., A. C. L. B. — S. Salvador)

Quarta, prima, segunda mais a terça
Cidade formosa poderão dar;
Quinta com prima e mais a tal segunda
Certa medida poderão achar.

Quarta e quinta á segunda juntas
Noutra cidade poderás topar;
Vaca, resumindo, um homem vigoroso
Da *CLASSE* dos valentes, encontrar.

Cid Marlowe (S. Paulo)

(Ao futuroso charadista Irahydes Costa)

Todo entregue ao charadista
Um rio opposto na planta
Muito breve vês na lista.

Alvavil (Bahia)

CHARADAS 55 a 58

Ao Arthano

Quando por tua casa á tarde passo
E te vejo á janella, tão faceira,
Quizera, desde já, sentir o laço
Que nos apertará a vida inteira.

Cobrem-se de botões de laranjeira
Os mil castellos que na mente traço,
2 — Se me espanta — o destino "*ave*" agoureira,
Afaga-me a esperança em seu regaço.

2 — Pelo mesmo *caminho* depois volto
Para ver-te de novo, minha flôr,
Com teu preto cabello todo solto.

E, transbordando d'alegria o peito,
Canto modinhas e canções de amôr,
Pensativo, *com tudo* satisfeito.

Satanito (S. Paulo)

Pessoa de máu caracter — 1 —
Olhar tu; mas eu te digo: — 1 —
Dá sempre nota bem triste,
Quando anda *rente* comtigo.

Edipo (Curityba, Paraná)

Não *paga* aluguel — 2 —
Da casa em que mora?
De mau ou *bom modo* — 1 —
Termina indo "*embora*"

Violeta (Recife)

Se lhe falta *intelligencia*, — 2.
Deixe em paz a "*descripção*," — 2.
Senão cumpre penitencia
Por *erro de locução*.

Athenas (Belém — Pará)

LOGOGRYPHOS 59 a 62

Para o collega Amir

Quando vêm rompendo o dia, — 7—1—5—8
Começa logo a cantar
A gente moça do campo — 2—6—7—3
No seu eterno lidar.

O cantar muito *estimula*, — 3—9—2—3
A trabalhar com prazer;
E as tristezas dessa vida,
A's vezes faz esquecer.

Não ha gente mais feliz,
Que esta gente camponeza,
Porque jámais se maldiz
Das amarguras da sorte;
Inda mesmo sem "*grandeza*" — 1—4—5—1
Diz *achar-se* sempre forte!

Violeta (A. C. L. B. — Recife)

Contam que no tempo antigo
Consideravam *nocivo*, — 2—7—13—11—3—8.
Merecedor de castigo,
Nariz grande em homem vivo.

E, por isso, quem mostrasse
"*O*" tal orgão volumoso, — 7—2—
Desenganado, esperasse — 8—3—10—5.
Um final bem doloroso. — 6—12—1—11—7.

E sob as *ordens* tremendas, — 4—9—11—5—13.
Os Cyranos infelizes
Soffriam bôas emendas
Do cortador de narizes.

Athenas (Belém — Pará)

Casou-se hoje aqui o João Bairrada
Com a Sara, "*mulher*" de rara belleza — 3—7—6—2
E que era por todos considerada
Uma inexpugnavel *fortaleza*. — 4—9—6—2

Dizem que por ser João um *homem rico* — 3—7—8—5
Foi que realizar poude seu sonho.
E' a *voz do povo*. E o povo — diz tio Chico — 1—9—6—2
Se é sabio ás vezes, outras é *enfadonho*.

Thalia (Rio Grande)

Numa "*cidade*" latina — 1, 9, 5, 10, 11.
Tendo o "*rei*" perdoado — 3, 9, 7, 2, 5.
Uma "*mulher*" que comera — 1, 7, 8, 5, 4.
De um "*fruto*" consagrado — 3, 6, 5, 10, 9.

A Jesus, o "*homem*"-Deus — 5, 4, 7, 8, 9.
Plantou-se pequeno til,
Bem ao pé dum cafeeiro,
— *Um arbusto do Brasil*.

Claudina (S. Paulo)

PITTORESCOS 63 e 64

Moranguinho (Grupo dos XX, S. Paulo)

Granadeira (Deca — Capital)

PRAZOS

Terminarão: a 17, 22, 28 e 30 de Abril proximo, e a 2 e 7 de Maio seguinte, respectivamente para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

CORRIGENDA

Do n.º 1576:

Logogrypho 18, de Granadeiro: entre 1 e 4, colloque-se o algarismo 3 (oitavo verso). *Correspondencia a Clirio*: Demos e não dei (linhas 5).

ERROS QUE ANNULLAM PONTOS

Para conhecimento dos senhores charadistas, e completando o que a respeito ficou dito n' *O Malho*, 1495, de 15 de Agosto de 1931, titulo — CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1931 e 4.ª SERIE DA TAÇA MARIA-FLOR, declaramos que, nos nossos torneios, os erros dos diccionarios, que annullam trabalhos, são, sómente, aquelles que se referem, propriamente, á graphia deturpada por falta de attenção na respectiva revisão, ou outro motivo qualquer de que o autor não é o responsavel, como por exemplo: *Verdade*, que deve ser *Herdade*, que o Simões da Fonseca enfileira entre os significados do titulo — TERRA; *Desarcar* "limpar da areia", nesse mesmo diccionario, que, na verdade, é *Desarear*; *Cacha*, na 4.ª edição do Candido de Figueiredo, que ahi se lê com o significado *assimilação*, e que, no emtanto, é *dissimulação*; *Inundar*, nesse mesmo livro, que lá está como *alargar*, e que, realmente, é *alagar*; etc. etc...

CORRESPONDENCIA

Iris (Theophilo Ottoni, Minas) — Inscripto. A ficha recebeu o numero 264.

Dama Verde (Bahia), *Edipo* (Curityba) — Recebidos os trabalhos.

MARECHAL

A COLONIA PARAENSE, em vibrante manifesto, apresenta ao eleitorado de sua terra os nomes do general Lauro Sodré, Oswaldo Orico e Samuel Mac-Dowell á futura Constituinte.

Os elementos de maior destaque no seio da colonia paraense acabam de lançar um vibrante manifesto ao eleitorado de sua terra, indicando tres dos mais illustres nomes paraenses á futura Assembléa Constituinte.

Amplamente divulgado nesta capital e no Estado do Pará, o manifesto está assim redigido:

"A colonia paraense no Rio de Janeiro, empenhada em que a representação de seu Estado á futura Assembléa Constituinte seja digna das tradições de intelligencia, civismo e do criterio selectivo do eleitorado do Pará, vem appellar para os seus conterraneos no sentido de serem prestigiados e levados ás urnas os nomes do general Lauro Sodré, figura exponencial da probidade e da cultura politica da nacionalidade, do Dr. Samuel Mac-Dowell, alta expressão do pensamento juridico do paiz e do Dr. Oswaldo Orico, affirmação positiva da intelligencia e do valor da nova geração brasileira.

Confiante em que o governo revolucionario do Pará saberá respeitar a vontade do eleitorado de sua terra e manter-se á altura dos propositos que lhe asseguraram a victoria em Outubro de 1930, a colonia paraense no Rio de Janeiro, lançando aos suffragios do povo paraense os nomes desses illustres conterraneos, não tem em vista senão o desejo de attrahir para a elaboração da futura Constituição brasileira tres valores representativos de tres gerações ligadas pelo mesmo pensamento civico e com reaes serviços ao Estado.

De Lauro Sodré, governador por duas vezes, senador federal, symbolo das virtudes que melhor exalçam o caracter de um homem publico, o menos que se póde dizer é que é uma poderosa tradição capaz de resistir a todas as crises politicas de uma nação. De Samuel Mac Dowell, jurista dos mais notaveis que possuimos, homem de pensamento e de acção, não é preciso fazer-se o elogio. Seu nome transpoz victoriosamente as fronteiras do Pará, desde o memoravel concurso na Faculdade de Direito do Recife e se impoz a todos os circulos culturaes do paiz.

Oswaldo Orico, professor e escriptor laureado, cuja palavra como representante do Pará em varios congressos de educação já nos mostrou quaes as verdadeiras soluções do problema nacional do ensino, não necessita tambem de referencias para augmentar-lhe o prestigio do nome consagrado em todo o paiz através de uma obra sadia de idealismo, de construcção politica e technica."

Elegendo-os á Assembléa Constituinte, o Pará se dignifica a si mesmo, incluindo em sua representação valores á altura do nosso momento historico e capazes de assegurar ao nosso codigo de leis uma contribuição esclarecida e proficua.

E' esse o pensamento com que a colonia paraense no Rio de Janeiro recommenda ao eleitorado de sua terra o nome dos tres illustres conterraneos ao pleito eleitoral de 3 de Maio proximo.

Rio de Janeiro, 1º de Março de 1933".

Dr. Antonio Crespo de Castro, engenheiro civil, ex-prefeito municipal de Belém; Dr. Emilio Augusto Tavares de Macedo, advogado e jornalista; Dr. Djalma Cavalcante, advogado e jornalista; Dr. Benjamin de Araujo Lima, advogado e jornalista; Dr. Jayme Cardoso, diplomata e escriptor; Dr. Dejard Mendonça, ex-deputado estadoal, advogado e jornalista; Dr. Cesar Salles, medico e professor; Franklin Palmeira, jornalista e escriptor; D. Adelaide Kauffman, lente do Instituto de Educação; Dr. Heronides Penna, advogado e professor; Dr. Hamilton Barata, advogado e publicista; Angyone Costa, jornalisto e lente da Escola Normal; Dr. Henrique Crespo de Castro, assistente da Faculdade de Medicina e do Instituto Pasteur; Dr. Carlos Cruz Lima, inspector medico escolar; Dr. João Coelho de Souza, da Polyclinica do Rio de Janeiro; C. Paula Barros, jornalista e escriptor; coronel Dario Bezerra; commandante José Guerreiro Floquer, commandante Gastão do Couto; commandante Temistocles Gusmão; coronel Ananias Reis; Dr. Zacarias Martyres, advogado; Dr. Georges Summier, cathedratico do Collegio D. Pedro II; Dr. Chardival Filgueiras, medico; Dr. Dante Costa, medico e jornalista, Dr. J. Almeida Cardoso, medico; Dr. Francisco Galvão, advogado e jornalista; professor Adolpho Barros; Dr. Joaquim de Santos Loureiro, cirurgião-dentista; academicos Raymundo Pinheiro, Moacyr Mesquita, Mario Bolonha Campos, J. Aben Athar Netto, Guilherme Nilo Sarmento de Castro, Martins Filho, José Ernani de Lima, Alcides Pessôa, João Tocantins, Antonio Carlos C. de Castro; Adolfo Celso, jornalista; José Thomaz Ferreira, José Augusto de Menezes e Antonio R. Neves, do Telegrapho Nacional; professor Sylvio de Oliveira Serra, Sebastião Bayma, Oswaldo de Aguiar Mendonça, Oswaldo de Santa Maria, Yolando Wladimir Orico, Ildemir Pereira Lima, Sodré de Castro, Renato Bemfica, Arthur Oscar de Oliveira, Cesar Raymundo da Silva, Dr. Armando Barradas da Rocha, engenheiro civil; Sebastião Euclydes Caldas, Manoel José Pires, Adalberto Alves de Souza, Temistocles de Figueiredo, Manoel Pedro Souza Santos, Oscar Dias da Rocha, Raymundo Nogueira, Ernestino Damasceno, commandante Pedro Paulo Felo Lemos, Raymundo Florencio Pinto Pantoja, Lourenço da Silva Santos, José Breno Machille; commandante João Villa Lobos; capitão de longo curso Alfredo de Souza Placido; Jeronymo Bastos, Januario Gonçalves. Seguem-se innumeras outras assignaturas.

Lauro Sodré

Oswaldo Orico

PROVIDENCIA CONJUGAL

— *Minha senhora, trago-lhe uma boa noticia do hospital. Seu marido não morrerá.*

— *Que transtorno! Eu vendi a roupa delle para pagar as despesas do enterro!...*

(Desenhoh de W. Pan)

"Olha a bandeira"!

(Ao digno Comte. Melchiades)

A' tarde, quando ouço o toque de signal para a Bandeira, é a hora que eu sinto nascer em minh'alma a mais pura emoção!

O som deste toque na hora suave, expande-se por todo o quartel, alertando os fusileiros! E no meio destes, Sentinellas da Patria, que no momento se cobrem de jubilo e de glorias, eu ouço sempre a mesma voz de topas as tardes!... "Olha a Bandeira!"

E em poucos minutos vejo todos formados, numa verdadeira disciplina, no vasto pateo do quartel!

Silencio... Nem uma voz... No alto mastro, o lindo Pavilhão tremula. Silencio... E de repente, ouço um grito que parte da signaleria, quebrando o silencio que reina no momento... E' o signaleiro que arriando uma bandeirinha azul e branca, grita ao mesmo tempo.

— "Arriou!..."

E os garbosos fusileiros ficam alertas ouvindo a voz do commando! Continencia á Bandeira!... Apresentar! Armas! E o symbolo da Patria, vem descendo lentamente no meio das honras que lhe encerram os seus Sentinellas!

Salve, Corpo de Fusileiros Navaes!

Eu me orgulho como se eu fosse tambem um fusileiro!

E me sinto mais feli z neste momento, por estar num meio onde existe a Educação Moral, Ordem, Disciplina e Amor á Patria!... — FRANCISCO QUEIROZ.

SONETO

Cante no galho o ledo passarinho
Cante na matta o vento passageiro,
Cante o cedro envergando-se altaneiro,
Cante na praia o mar em desalinho,

Cante o pastor o seu amor primeiro,
Cante o pobre sua magua sem carinho,
Cante embalando, a mulher, o seu filhinho,
Cante o velho no seu andar moleiro,

Cante o malho batendo na ferragem,
Cante o trem, cante o sino, cante a aragem,
Cante por toda a parte os sons diversos,

Que eu cantarei em explosões de anseios,
Meus sonhos, meus amores, meus receios,
Na profusão confusa dos meus versos.

HORACIO JOSÉ GUERRA

(Da collecção "Poemas sem poesia...")

CAMPEONATO DE NATAÇÃO — Os que tomaram parte na disputa do campeonato de water-polo, no Fluminense, sahindo victoriosos os teams do Guanabara.

UMA EXTRANHA CERIMONIA NUPCIAL

Celebrou-se, ha pouco, no Japão, uma extranha cerimonia nupcial.

Dois noivos, em vista das difficuldades que se oppunham ao seu enlace, appellaram para o "shinju" ou duplo suicidio, atirando-se juntos ao mar, onde pereceram. Ao cabo de algum tempo os seus corpos foram encontrados e cremados segundo os ritos funebres de religião buddhista.

Terminada a cerimonia, o pae da joven levou para casa as cinzas dos dois noivos, e, com ellas presentes, celebrou-se o casamento dos mortos, conforme o ritual.

Segundo a fé buddhista, o casamento effectuado nessas circumstancias exerce a sua influencia na outra vida, e as pessoas assim casadas são consideradas como marido e mulher no mundo de além tumulo.

Quando as circumstancias impedem o casamento em vida são muitos os casaes de namorados japonezes que recorrem ao suicidio, na esperança de uma ditosa vida conjugal no outro mundo.

Ficha charadistica, n. 258. Carlos Monteiro da Silveira (Satanito), Capital de São Paulo.

Ficha charadistica, n. 263. Sindulpho Camara, Fortaleza, Ceará.

Ficha charadistica, n. 264, Rodolpho Quadros Couy. (Iris), Theophilo Ottoni, Minas.

O problema nacional da fibra

O Brasil é um paiz privilegiado. Cada dia que passa, novas riquezas são descobertas para juntar a muitas já conhecidas. Um problema que se impõe é o da cultura das fibras *caroá*, *uácima*, *hibiscus*, etc., existentes nos Estados do Norte — Amazonas e Pará.

Sabemos por informações estatisticas que importamos annualmente cerca de cincoenta mil contos de juta indiana empregada na industria paulista de tecidos para saccaria.

Ora, se possuimos uma riqueza incalculavel que é a da fibra, quasi desconhecida e inexplorada, urge incentivarmos o desenvolvimento desse producto de cultivo tão facil e pouco dispendioso. No Pará, Amazonas e outros Estados do Norte, o *caroá* existe em abundancia.

Trata-se de uma planta que produz excellente fibra, já empregada no fabrico de cordas de primeira qualidade e, mais ainda, de tecidos até dos mais finos. E' uma fibra sedosa, resistente, factor de industria ainda a explorar, mas que já constitue objecto de alguns negocios no Pará.

Por iniciativa do barão de Marajó, o *caroá* figurou na exposição de Paris de 1889.

Este vegetal não requer terreno especial para o seu cultivo, tendo a vantagem de estar livre de pragas.

Para se ter um idéa dos lucros que proporciona á exploração do *caroá* publicamos o seguinte calculo orçamentario para um terreno de dois hectares, que não é grande nem exige fortes capitaes para a sua acquisição.

A área de terreno, calculada, comporta folgadamente 20.000 pés, produzindo 7.000 kilos de fibra e 500.000 reproducções por anno. Sendo vendida a fibra ao preço de 2$000 se obtem uma renda de 14:000$000.

Segundo informações de um agricultor paraense, a despesa relativamente é minima. O terreno em questão exige: roçagem 320$000; plantio e capina, 400$000; colheita e beneficiamento 1:200$000. Total 1:920$000, com um lucro liquido de 12:080$000 por dois hectares ou 6:040$000 por hectare. A reproducção do *caroá* é feita por meio de *filhotes* e as folhas crescem até mais de um metro de extensão, devendo a plantação ser feita em linhas com a distancia de um metro entre um pé e outro.

O operoso industrial paulista, o conde Sylvio Penteado, utilisa a fibra *uácima*, na fabricação de saccos, e outros tecidos consumindo esse producto nacional em regular escala.

E' mais que evidente existir dentro do Brasil um grande mercado consumidor de fibras — S. Paulo. E' claro, pois, que poderiamos intensificar a cultura de um producto que constitue um factor de prosperidade economica. Chamamos a attenção do actual ministro da Agricultura para solução de um problema tão palpitante como se nos afigura o da fibra brasileira.

O magnifico surto progressista do Brasil agricola, nestes ultimos annos, evidencia de maneira decisiva a preoccupação já assignalavel entre os homens de acção de recorrer ás reservas naturaes disseminadas pelo territorio nacional em fóra, como factores de engrandecimento e riqueza.

Ora, numa época de mercantilismo, de luta economica em que todos os paizes restringem suas importações e tomam medidas acauteladoras de seus interesses, o Brasil parece se manter indifferente, a ponto do industrial Mattarazo desprezar o consumo do producto nacional, algodão, importando-o de Liverpool.

Redobremos os nossos cuidados no sentido de estabelecermos a defesa cada vez mais consciente e efficiente na vida conomica e financeira do Brasil, estancando quanto possivel as grandes fontes de evasão do nosso ouro.

AMARO ABDON

O Conquistador

Sapatos reluzentes de verniz. Fatiota azul. Um bigodinho. Pó de arroz. E era tudo.

Chamava-se Rodolfo, e tinha fama de conquistador.

Via uma saia. Perseguia... Prompto! estava feito.

E, depois, a prosa com os amigos! Era um coloso! Não havia outro. Tudo no zás-trás! Chegava, via e vencia. "Lembravam-se da Alice, a de *lorgnon?*" Foi só de um bote. "E a outra, aquella de hontem?... Não viram?"

E fôra sempre assim.

Mas...

Esperem.

Um dia destes, o nosso heroe notou, no restaurante, um casal a tomar sopa.

"Que pena! Uma garota tão linda... E com um gajo daquelles!" Grandalhão, feio, troncudo.

Era temivel! Mas elle arriscou.

Uma olhadella. Um sorriso. Um signal.

E, logo em seguida, tudo quanto ha de momice galante.

◇

No momento em que sahia, entregaram-lhe um bilhete.

Olhou. Era o mollequinho que servia o casal!

"Nova conquista, na certa!"

Abriu e leu:

"Caro Sr. desconhecido:

Espere-me hoje, ás oito da noite, no canto mais escuro do largo das Perdizes.

Rozita".

— Rozita! Bello nome... Hespanhola, não ha duvida. E, com essas, é na pura macieza...

E, durante o resto do dia, não falou doutra cousa.

Ficou celebre, o bilhete.

"Era um bicho, mesmo!"

◇

Oito horas.

Rodolpho corre, apressado, para o ponto escolhido.

De repente, um vulto...

Um socco!!

Nocaute.

◇

Voltando a si, o olho todo roxo, vê a seu lado um cartão de visitas. Ironia do outro: *André Rozita* — boxeur. A's ordens".

IRANES DE CARVALHO

Djalma Freire de Vasconcellos, activo gerente das officinas d'"O Nordeste", jornal que se publica em Mossoró, Rio Grande do Norte.

A galante Secy, filha do nosso photographo M. Fonseca, fantasiada de pastora.

Ponte "Chacarinha" na estrada que liga os municipios de Parahyba do Sul e Valença, construida na administração do Dr. Virgilio A. Rodrigues.